



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT

ESPAÇOS URBANOS DE FESTA E A MORFOLOGIA DO LUGAR

Requalificação do Largo da Achada na Camacha (Madeira)



Rui Filipe Gonçalves Ferreira

Relatório Final de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura Paisagista

Relatório Final de Estágio Orientado Por:

Orientação Interna: Professor Doutor Miguel Reimão Costa

Coorientação: Professora, Arq. Paisagista Amélia Santos

Orientação Externa: Eng.^a Maria Alexandra Magalhães Gaspar Perestrelo

Maio 2013



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT

ESPAÇOS URBANOS DE FESTA E A MORFOLOGIA DO LUGAR

Requalificação do Largo da Achada na Camacha (Madeira)



Rui Filipe Gonçalves Ferreira

Relatório Final de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura Paisagista

Relatório Final de Estágio Orientado Por:

Orientação Interna: Professor Doutor Miguel Reimão Costa

Coorientação: Professora, Arq. Paisagista Amélia Santos

Orientação Externa: Eng.^a Maria Alexandra Magalhães Gaspar Perestrelo

Maio 2013

ESPAÇOS URBANOS DE FESTA E A MORFOLOGIA DO LUGAR -

Requalificação do Largo da Achada na Camacha (Madeira)

Declaração de Autoria de Trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Rui Filipe Gonçalves Ferreira

Copyright Rui Filipe Gonçalves Ferreira© “A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais desde que seja dado crédito ao autor e editor”.

Agradecimentos

Aos meus pais, irmãs e a toda a minha família pelo apoio prestado desde sempre e especialmente desde que ingressei na minha formação académica.

À minha namorada pela ajuda, pela companhia, pela inspiração e motivação que nunca deixou de existir apesar da distância que atualmente nos separa.

Aos meus amigos que sempre estiveram presentes e sempre me apoiaram na realização deste trabalho.

Ao meu orientador interno Prof. Doutor Miguel Reimão Costa, pela partilha de conhecimento, por toda a ajuda e disponibilidade que teve durante este percurso desde a fase da realização do plano de estágio até à concretização do relatório.

À minha coorientadora Prof.^a Arq. Paisagista Amélia Santos, por todas as indicações e conhecimentos projetuais que me foram transmitidos.

À minha orientadora externa Vereadora da Câmara Municipal de Santa Cruz, Eng.^a Maria Alexandra Magalhães Gaspar Perestrelo, por todo o apoio e por toda a informação e meios disponibilizados que possibilitaram a realização deste trabalho.

Aos funcionários da Câmara Municipal de Santa Cruz dos departamentos de Saneamento Básico, Geografia e Cadastro e de Arquitetura e Urbanismo que me disponibilizaram a informação necessária para a realização de grande parte deste estudo.

Ao Arquiteto Bruno Ferreira, por toda a sua disponibilidade, e por toda a orientação que me foi prestada no âmbito da proposta de requalificação do Largo da Achada e na elaboração de peças técnicas.

Ao Arquiteto Paisagista Paulo Gomes da Silva, pelo apoio e pela importante ajuda que me deu no levantamento das espécies vegetais da região em que se encontra a área de estudo inerente a este projeto.

RESUMO

O presente estudo surgiu de acordo com o trabalho que foi realizado durante o período de estágio na Câmara Municipal de Santa Cruz, mais precisamente a requalificação do Largo da Achada localizado na Camacha, freguesia do Concelho de Santa Cruz, Madeira.

Este espaço está intimamente ligado a atividades de cariz lúdico e festivo e como tal, houve a necessidade de se realizar uma reflexão sobre o que são espaços urbanos de festa, para poder estabelecer-se a relação existente entre as atividades festivas e o “lugar”, isto é, tentar perceber a influência que estas atividades têm na construção dos espaços urbanos e na sua forma. Esta questão é fundamental para se definirem estratégias de como intervir neste tipo de espaço. Para tal procedeu-se ao estudo de alguns casos distintos onde se faz uma breve análise de algumas festas em espaços diferentes de modo a tentar perceber até que ponto as alterações na morfologia, tanto no interior como na periferia destes, podem introduzir mudanças nas tradições e vice-versa.

Para cada estudo de caso identifica-se a principal romaria ou procissão associada ao lugar, de forma a tentar perceber as relações e a influência que o desenho dos espaços abertos e das artérias que os ligam exercem neste tipo de atividades e de que maneiras estas relações interferem com o quotidiano.

No decorrer do levantamento bibliográfico chegou-se à conclusão que os autores não eram unânimes quanto à classificação dos diferentes tipos de espaços de festa o que levou à necessidade de propor uma nova classificação que se apresentasse mais de acordo com o espaço que se pretende requalificar.

O estudo tem especial enfoque na categoria de espaços de festa consolidados que integra os espaços que têm a sua origem na própria festa, pois são os que melhor se identificam com a requalificação do Largo da Achada.

Como resultado deste estudo e da caracterização biofísica, cultural e do espaço urbano, surge então a proposta de requalificação do largo.

Palavras-chave: Espaço Urbano, Largo, Festas, Romarias, Celebrações, Tradição, Identidade, Requalificação.

ABSTRACT

The presente study became possibly due to the internship held at the Town Hall of Santa Cruz where the project to re-qualify the Achada's Square in Camacha was done.

The Achada's Square is considered a place intimately linked to recreational activities of festive nature and with this in mind, it was necessary to perform a first reflection on the urban spaces of celebration, in order to establish the relationship between the festive activities and the "place", trying to understand the influence that these activities have in the construction of urban spaces and in its shape. In order to accomplish this, several case studies were done where I've tried to understand how changes on the morphology of the "place" in its interior or periphery can introduce changes in traditions or the other way around.

For each case study it's identified the major pilgrimage or procession associated with the place, with the intention to understand the relationships and the influence in the design of these open spaces and arteries that connect with this type of activities and how these relationships differ with the places everyday life.

When writing this study I came to the conclusion that different authors had different points of view when it came to classifying the different types of festive places and this led to the stipulation of new classification that could embrace the place I intended to re-qualify.

This study has special focus on the category of urban celebration that integrates the spaces that have their origin in its own festivity, for these being the ones that identify most with the re-qualifying of Achada's Square.

The last part of this work is related to the proposal of redevelopment of the square which results from the entire study performed not just on the festivity places but on the biophysics, the cultural aspects and on the study of the urban space.

Keywords: Urban Space, Square, Feast, Pilgrimages, Celebrations, Tradition, Identity, Requalification.

ÍNDICE

Introdução	1
Parte I - Reflexão Crítica sobre Espaços Urbanos de Festa	7
1.1. Obras de Referência	7
1.2. As Festas	8
1.3. O Espaço Urbano de Festa	12
1.4. Estudos de Caso	20
1.4.1. Festas da Camacha (Camacha, Santa Cruz, Madeira)	21
1.4.2. Festas da Nossa Senhora da Luz (Mourão, Aldeia da Luz)	24
1.4.3. Festas da Nossa Senhora da Luz (Gaula, Santa Cruz, Madeira)	26
1.4.4. As Romarias Quaresmais de São Miguel (Açores)	28
1.5. A Morfologia do Espaço Urbano (Largo da Achada)	30
Parte II - Proposta de Requalificação do Largo da Achada	34
2.1. Integração nos Serviços da C. M. Santa Cruz	34
2.2. Enquadramento Geográfico e Legal do Largo da Achada	36
2.2.1. Plano Diretor Municipal - Condicionantes	37
2.2.2. Plano Diretor Municipal – Carta de Ordenamento	38
2.3. Caracterização Biofísica	38
2.3.1. Hipsometria e Declives	39
2.3.2. Fisiografia	41
2.3.3. Orientação das Encostas	42
2.3.4. Solos e Vegetação	43
2.4. Caracterização do Espaço Urbano e Cultural	44
2.5. Análise SWOT – Largo da Achada	50
2.6. Proposta de Intervenção	52
2.6.1. Conceito e Estratégia de Intervenção	53
2.6.2. Programa	55

2.7. Projeto de Execução	57
2.7.1. Altimetria e Plano de Drenagem de Águas Pluviais e Residuais	57
2.7.2. Plano de Vegetação	59
2.7.3. Plano d Rega	61
2.7.4. Plano de Pavimentos	62
2.7.5. Mobiliário Urbano	63
Conclusões	64
Bibliografia	68
Anexos	71

Índice de Figuras e Fontes

Nº da Figura Legenda/Fonte

Figura 1: Largo da Achada, localizado na Vila da Camacha, freguesia do Concelho de Santa Cruz.

Fonte: Fotografia do autor.

Figura 2: Mértola, vila pertencente ao distrito de Beja – Territórios desertificados do interior.

Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.

Figura 3: Espaços Consolidados de Festa

Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.

Figura 4: Representação Esquemática de Espaços Consolidados de Festa

Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop.

Figura 5: Espaços de Festa Periurbanos/Vazios Urbanos – Parque da Bela Vista, Lisboa

Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.

Figura 6: Representação Esquemática Espaços de Festa Periurbanos/Vazios Urbanos

Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop.

Figura 7: Artérias que Interligam Diferentes Espaços de Festa – São Vicente, Madeira

Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.

Figura 8: Representação Esquemática de Artérias que Interligam Diferentes Espaços de Festa

Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop.

- Figura 9: Espaços de Festa Rurais Integrados na Cidade Difusa - Mértola
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 10: Representação Esquemática Espaços de Festa Rurais Integrados na Cidade Difusa
Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop.
- Figura 11: Trajeto relativo à Procissão das Velas que se realizava antigamente no Largo da Achada.
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 12: Registo dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas no Largo da Achada durante o quotidiano.
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 13: Registo do trajeto atual da procissão das festas do Santíssimo Sacramento e dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas no Largo da Achada durante as festas.
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 14: Trajeto relativo à Procissão da Nossa Senhora da Luz que se realiza na Aldeia da Luz
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 15: Igreja matriz, cemitério e praça de touros em dia de festa relativamente à nova Aldeia da Luz
Fonte: Saraiva, C. (2007). Um museu debaixo de água: o caso da luz. *etnográfica*, 11 (2), 441-470., p.443.
- Figura 16: Registo dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas em Gaula durante o quotidiano.
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.

- Figura 17: Registo do trajeto atual da procissão da festa da Nossa Senhora da Luz e dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas em Gaula durante as festas.
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 18: Atuação do grupo Folclórico de Gaula no anfiteatro junto ao mercado tradicional.
Fonte: Fotografia de Maria Alexandra Magalhães Gaspar Perestrelo.
- Figura 19: Trajeto das Romarias Quaresmais de São Miguel nos Açores.
Fonte: Leal, J. (1989). As Romarias Quaresmais de São Miguel (Açores). Em Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Estudos de Etnologia, *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira* (pp.409-436). Lisboa, p.418-419.
- Figura 20: Posicionamento das igrejas açorianas na estrutura urbana. Ribeira Grande, São Miguel. 1. Igreja do Espírito Santo. 2. Igreja de S. Francisco. 3. Matriz. 4. Igreja da Conceição.
Fonte: Lamas, J. M. R. G. (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, p.180.
- Figura 21: Formas Fundamentais das Praças.
Fonte: Caro, C. M., Rivas, J. L. (1990). *Arquitectura urbana: elementos de teoria y diseño*. Madrid: Libreria Editorial Bellisco, p.53.
- Figura 22: Diferentes formas de praças e largos elaborados por Robert Krier em *L' Espace de la Ville*.
Fonte: Lamas, J. M. R. G. (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, p.101.

- Figura 23: “Efeito turbina” Praça e ruas complementares.
Fonte: Caro, C. M., Rivas, J. L. (1990). *Arquitectura urbana: elementos de teoria y diseño*. Madrid: Libreria Editorial Bellisco, p.47.
- Figura 24: Forma do Largo da Achada e ruas complementares.
Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop.
- Figura 25: Enquadramento Geográfico do Largo da Achada.
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 26: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Hipsometria.
Fonte: Carta realizada em ArcGis 10 através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).
- Figura 27: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Declives.
Fonte: Carta realizada em ArcGis 10 através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).
- Figura 28: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Fisiografia.
Fonte: Carta realizada em ArcGis 10 através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).
- Figura 29: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Orientação de Encostas.
Fonte: Carta realizada em ArcGis 10 através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).
- Figura 30: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) - Modelo tridimensional.
Fonte: Carta gerada em ArcGis 10 a partir de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).

- Figura 31: Volumetrias e Cromatismos I
Fonte: Fotografias tiradas e trabalhadas pelo autor.
- Figura 32: Volumetrias e Cromatismos II
Fonte: Fotografias tiradas e trabalhadas pelo autor.
- Figura 33: Volumetrias e Cromatismos III
Fonte: Fotografias tiradas e trabalhadas pelo autor.
- Figura 34: Igreja nova da Camacha.
Fonte: Fotografia do autor.
- Figura 35: Igreja Matriz de São Lourenço.
Fonte: Fotografia do autor.
- Figura 36: Evolução Urbana – Largo da Achada (1967-2009)
Fonte: Desenho do autor gerado em Autocad 2010 a partir de informação cartográfica cedida pela secção de Geografia e Cadastro da Câmara Municipal de Santa Cruz.
- Figura 37: Antiga Torre do atual Café Relógio.
Fonte: <http://pensoque.blogspot.pt/2009/02/cafe-relogio-em-queda.html> [08.05.2012].
- Figura 38: Principais Equipamentos e Serviços localizados na área envolvente ao Largo da Achada.
Fonte: Imagem do Google Earth trabalhada pelo autor.
- Figura 39: Levantamento Topográfico do Largo da Achada na Camacha (Madeira)
Fonte: Levantamento cedido pela Câmara Municipal de Santa Cruz.
- Figura 40: Representação do Conceito Abstrato I.
Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop CS6.

- Figura 41: Representação do Conceito Abstrato II.
Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop CS6.
- Figura 42: Representação do Conceito Abstrato III.
Fonte: Desenho do autor realizado em Photoshop CS6.
- Figura 43: Planta do Largo da Achada - Cruzamento entre a proposta e o existente.
Fonte: Desenho do autor realizado em Autocad 2010
- Figura 44: Plano Geral da proposta do Largo da Achada.
Fonte: Desenho do autor realizado em Autocad 2010.
- Figura 45: Plano de Plantações de Sementeiras do Largo da Achada
Fonte: Desenho do autor realizado em Autocad 2010.
- Figura 46: Diagrama de Layers – Elementos inertes e vegetais.
Fonte: Desenho do autor realizado em Autocad 2010 e posteriormente trabalhado em SketchUp8 e Photoshop CS6.
- Figura 47: Perspetiva da Proposta do Largo da Achada em ambiente de festa I.
Fonte: Desenho do autor realizado em SketchUp8 com renderização SuPodium e posteriormente trabalhado em Photoshop CS6.
- Figura 48: Perspetiva da Proposta do Largo da Achada em ambiente de festa II.
Fonte: Desenho do autor realizado em SketchUp8 com renderização SuPodium e posteriormente trabalhado em Photoshop CS6.

Índice de Tabelas

Nº da Tabela	Legenda/Fonte
Tabela 1:	Análise SWOT – Largo da Achada – Apuramento das aptidões do largo. Fonte: Tabela realizada pelo autor.

Lista de Siglas e Abreviaturas

ACAPORAMA: Associação de Casas do Povo da Região Autónoma da Madeira.

Análise (SWOT): Análise de pontos fortes (Strength), pontos fracos (Weakness), oportunidades (Opportunity) e ameaças (Threat).

C. M. S. C. – Câmara Municipal de Santa Cruz

DRIGOT: Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território.

FEADER: Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Económico Rural.

GAL: Grupo de Ação Local.

MDT: Modelo Digital do Terreno.

OCDE: Organização de Cooperação de Desenvolvimento Económico.

PDM: Plano Diretor Municipal.

PRODERAM: Programa de Desenvolvimento Rural da Região Autónoma da Madeira.

Lista de Peças Desenhadas

Peças de Análise - Caracterização do Largo da Achada

- A01 – Carta de Relevio
- A02 – Carta de Declives
- A03 – Carta de Exposição Solar
- A04 – Levantamento de Vegetação Existente
- A05 – Caracterização de Materiais Existentes
- A06 – Evolução Urbana

Peças Técnicas - Projeto de Requalificação do Largo da Achada

- T 01 – Área de Intervenção
- T 02 – Plano Geral
- T 03 – Altimetria e Plano de Drenagem de Águas Pluviais
- T 04 – Plano de Plantações e Sementeiras
- T 05 – Plano de Vegetação Proposta
- T 06 – Plano de Manutenção dos Espaços Verdes
- T 07 – Plano de Rega
- T 08 – Plano de Pavimentos propostos
- T 09 – Plano de Construções/Demolições
- T 10 – Cortes Gerais
- T 11 – Cortes à escala 1/20
- T 12 – Corte do Espaço dedicado ao Conselheiro Aires de Ornelas
- T 13 – Planta e alçados da estrutura do Bar e casas de banho
- T 14 – Plano de Implantação Planimétrica
- T 15 – Plano de Iluminação Técnica e Decorativa

Perspetivas e Diagrama de Layers

- P 01 – Diagrama de Layers e Perspetivas

INTRODUÇÃO

A temática privilegiada deste estudo lança um olhar crítico sobre algumas tipologias de espaços urbanos de festa, explicando de que forma é que estes se inserem no meio urbano e quais é que são as suas relações com a dimensão e morfologia do lugar.

Desde há muito tempo que os festivais e outros eventos aparecem associados a propostas de valorização dos espaços urbanos, bem como da própria morfologia dos lugares, sejam estes através de alinhamentos, regularidade, simetria, ou outros efeitos visuais que não devem ser considerados apenas extravagâncias efémeras, (Bonnemaison, Christine, 2008, p.6).

O trabalho realizado tenta justificar a necessidade de estudar as categorias de espaços urbanos de festa, uma vez que é necessário compreendê-los antes para poder intervir depois, de forma a não criar ruturas nem proceder ao ato de descaracterização do lugar.

É importante assumir-se que a “festa” pode ser considerada em muitos casos como um elemento fundamental no espírito do lugar, não fossem estes espaços sobejamente identitários para quem vive neles. Como tal, quando é preciso intervir ao nível da construção ou requalificação destes espaços é necessário ter em conta este aspeto de forma a não comprometer o seu valor patrimonial e perder o verdadeiro sentido do lugar.

Por vezes as festas são determinantes na forma como se constrói o lugar e como este evolui, por outras é o espaço já existente que determina ou limita o tipo de atividade que vai acolher. Os espaços estão em constante mudança, como reflexo das novas solicitações a que estão sujeitos, existindo uma necessidade urgente de encontrar estratégias e soluções para não se sacrificar a história e as “tradições” em função de intervenções mal pensadas.

DELIMITAÇÃO DO TEMA

A definição do tema deste relatório surgiu como forma de complementar o trabalho realizado durante o estágio curricular que foi realizado na Câmara Municipal de Santa Cruz, mais propriamente na freguesia da Camacha, relacionando com a necessidade de requalificar o espaço do Largo da Achada. Assim existiu a necessidade de investigar acerca deste tipo de espaços “espaços urbanos de festa” e sobre o modo como a morfologia do lugar tinha ou não implicação na forma como estes espaços são utilizados. De seguida fala-se brevemente sobre o Largo da Achada e sobre o motivo pelo qual este local é considerado um espaço urbano de festa.

Este local é destacado ainda hoje como um dos principais pontos turísticos da Ilha da Madeira, (Mendonça, 1960, p.61). É um espaço muito frequentado, tanto pela população local como por estrangeiros, não só em épocas festivas mas também no seu dia a dia e encontra-se neste momento bastante debilitado e fragmentado, necessitando urgentemente de uma intervenção.



Figura 1 – Largo da Achada, localizado na Vila da Camacha, freguesia do Concelho de Santa Cruz.

Este lugar, deve ser considerado um espaço urbano de festa com importância no seu contexto social na medida em que integra um conjunto de festas cíclicas consolidado que acontecem todos os anos e que atraem inúmeros visitantes a este local. Como tal a sua proposta de requalificação deve contemplar, não apenas uma análise geográfica, histórica e evolutiva, como também a leitura da importância que as atividades de festa tiveram na sua construção e transformação. Desta forma torna-se muito importante

realizar uma investigação sobre diversas tipologias de espaços urbanos de festa, do geral para o particular, e compreender a influência que estes espaços têm no comportamento das pessoas e ao mesmo tempo a influência que estas atividades exercem sobre a construção e transformação do espaço urbano.

O espaço público urbano tem sido, ultimamente, alvo de muitos estudos, sobretudo em relação ao comportamento humano. No entanto, quando a festa se apropria espaço, o comportamento dos utilizadores revela-se um mistério e desenvolve-se da forma mais imprevisível.

Pode-se observar que nos últimos anos realizaram-se algumas intervenções pontuais no Largo da Achada que, em vez de melhorarem a qualidade do espaço, ainda o tornaram mais fragmentado e dissonante, como é o caso da intervenção no parque infantil que surge como um elemento completamente descontextualizado e desconectado do Largo. É então importante recuperar e requalificar este espaço de maneira que seja entendido como um todo resolvendo os problemas que levaram à sua compartimentação.

OBJETIVOS

Este trabalho teve três grandes objectivos. O primeiro advém da realização do estágio curricular onde o meu objectivo primordial era o de poder integrar uma equipa interdisciplinar em contexto real de trabalho na função de Arquitecto Paisagista, nos serviços da Câmara Municipal de Santa Cruz, na Madeira. O segundo advém da natureza do trabalho realizado durante o estágio, uma vez que o Largo da Achada se insere na categoria de espaços urbanos de festa, foi realizada uma reflexão sobre este tipo de espaços, com o objectivo de tentar perceber como se interligam os diversos tipos de festa com o espaço público. O terceiro grande objectivo é realizar a caracterização da área de intervenção incluindo toda a análise biofísica, cultural e do espaço urbano que se considera fundamental levar a cabo e que se traduz finalmente na realização de uma proposta de requalificação para o Largo da Achada.

Para que se conseguissem atingir o segundo e terceiro objectivos foi necessário definir uma lista de objectivos secundários de forma a tentar garantir o rigor e ajudar a dirigir o trabalho.

O trabalho tenta responder às seguintes questões:

Qual a importância destes espaços, a razão, a necessidade da Festa e como construir ou requalificar espaços que têm a sua origem na própria festa, de modo a que no quotidiano continuem a fazer sentido e respondam às necessidades da sua população?

Serão as festividades e as celebrações que se ocupam dos espaços, ou os espaços é que são construídos premeditadamente de modo a albergar estas atividades?

Será a preservação das festas religiosas e culturais e a requalificação dos espaços onde estas ocorrem uma solução para garantir uma identidade coletiva às gerações vindouras de modo a combater o desinteresse pelo meio onde vivem ao mesmo tempo mantendo viva a chama que ilumina a tradição?

Como construir ou requalificar espaços que têm origem num determinado evento, de modo a que no quotidiano continuem a responder às necessidades da sua população?

No que diz respeito ao estudo dos espaços urbanos de festa os objetivos são:

- Refletir e redefinir sobre diferentes tipologias de espaços urbanos de festa;
- Identificar a influência que espaços previamente existentes poderão ter tido na conformação das atividades relacionadas com as festas populares e religiosas;
- Identificar a influência que estas festas têm na criação de novos espaços;
- Perceber a influência que as alterações no espaço envolvente provocam no comportamento das pessoas e por vezes no redefinir o percurso das próprias festas;
- Entender o papel da praça/largo e de algumas ruas, no contexto dos espaços urbanos de festa;
- Comparar alguns espaços que se identifiquem com o Largo da Achada.

Em relação ao grande objetivo da proposta de requalificação do Largo da Achada os objetivos específicos são os seguintes:

- Resolver os problemas da compartimentação que é visível neste espaço;

- Valorizar e incrementar a qualidade e as valências deste espaço, como a vegetação endémica, produtos agrícolas e artesanais, e a existência de elementos de valor patrimonial;
- Dinamizar a Economia da região onde se insere o largo;
- Reforçar a identidade festiva que está presente no Largo da Achada;
- Reafirmar este espaço como ponto estratégico para o incremento da coesão social entre a Camacha e as restantes freguesias de Santa Cruz;

METODOLOGIA

A metodologia usada para a realização deste trabalho divide-se em três tipos de procedimento metodológico que são os seguintes:

- Pesquisa Bibliográfica - de forma a fundamentar as afirmações e as reflexões que se traduzem no trabalho.
- Trabalho de Campo - associado ao levantamento fotográfico, recolha e elaboração de cartografia relacionada com a área de estudo.
- Estudo de Caso - a metodologia de comparação, utilizada para compreender a complexidade de um caso específico (o Largo da Achada).

Na primeira parte do trabalho realizou-se uma pesquisa de bibliografia associada ao Largo da Achada e à sua envolvente, de forma a perceber este espaço quanto aos aspectos naturais, culturais e sociais, bem como uma recolha de informação sobre o tema dos espaços urbanos de festa, de forma a perceber as características que devem ser inerentes a estes espaços e a influência que este tipo de actividade tem no modo como são construídos e transformados.

Ainda nesta parte do trabalho utilizou-se a metodologia de estudos de caso onde compararam-se alguns casos análogos ao Largo da Achada, que nos ajudaram a explorar a temática dos espaços urbanos de festa, e permitiram adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre os mesmos.

Na segunda parte realizou-se trabalho de campo, reuniu-se informação cartográfica e recolha de informação visual através de algumas visitas ao local.

Para terminar realizou-se uma proposta de requalificação para o Largo da Achada com base em todo o estudo previamente realizado. O projecto de requalificação tenta satisfazer todos os objetivos propostos anteriormente. Para tal a proposta deve integrar:

- A elaboração de estudos da caracterização biofísica, cultural, de espaço urbano e o seu enquadramento legal relativamente ao Largo da Achada;
- A realização do projeto de execução que integre a produção de elementos esquemáticos e cartográficos;
- A formalização de um conceito de intervenção;
- A elaboração de um programa e a descrição de todas as medidas projetuais tomadas na realização da proposta;
- A transposição de ideias e informação relevante sobre o estudo dos espaços urbanos de festa para a proposta de intervenção;
- A justificação das medidas tomadas no projeto de execução;

Parte I - Reflexão Crítica sobre Espaços Urbanos de Festa

1.1. Obras de Referência

Apresentam-se aqui alguns dos estudos mais importantes relacionados com a temática deste trabalho. Selecionaram-se algumas das obras que melhor puderam contribuir para a valorização do trabalho em relação à temática da arquitetura festiva bem como as que descrevem aspetos relevantes sobre a caracterização geográfica, cultural e social do Largo da Achada.

Manuel Ferreira Pio, (1967), na sua obra “Santa Cruz da Ilha da Madeira”, fornece informação sobre todos os municípios e freguesias da Madeira. Nesta obra encontra-se informação relevante em relação ao Largo da Achada no que diz respeito ao seu enquadramento, indicando dados demográficos, aspetos ligados à geografia, referindo as principais atividades económicas ligadas ao local e explicando a razão pela qual este espaço se tornou tão conhecido e se transformou num ponto turístico de referência (Pio, 1967).

Já o autor Eduardo C. N. Pereira, na obra, “Ilhas de Zarco”, foca-se mais em aspetos relacionados com os usos do solo, dá-nos alguns dados geográficos e fornece muita informação associada ao tipo de vegetação localizada no espaço onde se insere o Largo da Achada (Pereira, 1939).

Humberto Pedras e Alberto Sarmiento abordam aspetos sociais relacionados com algumas atividades que caracterizam o Largo da Achada e a sua envolvente, como os festivais, os grupos folclóricos, os arraiais e o comércio (Pedras, 2006), (Sarmiento, 1953).

No que diz respeito às obras estudadas e com enfoque na temática dos espaços urbanos temos o trabalho de Ozouf, (1988) intitulado “Festivals and French Revolution” obra que explica o interesse das festas e do papel das celebrações para o *design* urbano das cidades. O autor relata exemplos de como, desde sempre, as festas e as celebrações estiveram presentes nos grandes acontecimentos ao longo da história, prestando especial enfoque aos festivais revolucionários que sucederam depois do período da Revolução Francesa (Ozouf, 1988).

Também temos Bonnemaïson e Christine, (2008) que com a sua obra “Festival Architecture”, dão-nos uma ideia vasta sobre os festivais públicos do século XVIII e relatam por quem era feito e como era realizada a valorização do espaço urbano antes e

durante as celebrações. É interessante perceber a importância que a efemeridade destas atividades já tinha nesta altura e o modo como estas evoluíram até os dias que correm. Inicialmente de matriz estética rompendo o desafio da funcionalidade e do conforto estas actividades já podiam oferecer ideias e soluções quando se tratava de propor uma intervenção em espaços de festa (Bonnemaison e Christine, 2008).

Outra das obras estudadas para perceber a relevância dos espaços de festa foi a de Bergman e Kondoleon, (1999) intitulada “The Art of Ancient Spectacle” que incide no impacto que as atividades festivas tiveram nas áreas artísticas, como a arquitetura, o teatro, a literatura, a pintura etc. À semelhança das obras dos autores anteriores, esta também fornece um historial de como certas festividades e celebrações se refletiam no espaço.

Já João Leal, fala do modo como as romarias de São Miguel e as festas do Espírito Santo nos Açores influenciam o comportamento de toda a comunidade que lá reside, refere a importância que estas atividades têm no contexto social e explica todo o desenvolvimento histórico que estas festas carregam ao longo dos tempos (Leal, 1989; Leal, 1991; Leal, 1994).

1.2. As Festas

As festas, enquanto expressões culturais de uma determinada comunidade, estão em constante mudança. Em períodos mais recentes, muitas destas mudanças acontecem por influência do turismo e dos órgãos de comunicação social. No entanto, o impacto que estes fatores exteriores exercem não pode ser considerado apenas negativo, pelo facto de produzir alterações, já que é também muito positivo na medida em que se pode verificar que estes exerceram muitas vezes uma travagem no êxodo rural e impediram o abandono de determinadas regiões através da sua divulgação (Saraiva, et al., 2004, p. 68).

Os festivais, cerimónias e rituais devem ser entendidos como fornecedores de meios para criar e expressar uma identidade coletiva. (Bergmann, Kondoleon, 1999, p.54). Segundo (Ozouf, 1988, p. 123), já na época da Revolução Francesa os festivais deram forma física à ideia de liberdade e ao papel dos cidadãos uma vez que ajudaram a criar uma sensação de identidade nacional num período tão violento.

Sem uma identidade bem estruturada e com bases consistentes as novas gerações vêm-se desamparadas e tendem a procurar essas bases noutros locais. Esta questão inscreve-se numa problemática mais vasta relacionada com o êxodo rural, de modo que é necessário definir estratégias para salvaguardar os elementos culturais que impedem de certa forma a propósito de abandonar as áreas de residência e por outro lado suscitam o interesse de quem está no exterior de os ir lá visitar (Parafita, 2012, p.93).

A festa conquistou, ao longo do tempo, a admiração e afluência dos turistas, e quando passou a ter também expressão nos meios de Comunicação Social, adquiriu uma nova dimensão: a “Festa - espetáculo” (Saraiva, et al., 2004, p.68). É verdade que este tipo de mutação pode muitas vezes alterar certos costumes, mas, por outro lado, é uma forma de imortalizar outros, que são a razão pela qual, os turistas e a Comunicação Social se interessam tanto por estas festas e tradições.

Como tal, pode-se dar o exemplo de Mértola como um território que ao longo dos tempos sofreu com a desertificação e nos últimos anos pôde verificar-se que existiu uma grande vontade e necessidade de incrementar o seu valor cultural. Para tal, a iniciativa mais representativa foi a criação do Festival Islâmico que geralmente ocorre durante o mês de Maio e conta com o apoio de países como a Tunísia, Marrocos o Egipto e organismos como a comunidade Islâmica de Espanha. (Duarte, 2011, p.293).

Desde então o município de Mértola verifica-se praticamente invadido e deste modo tem vindo a ser necessário a preparação desta região para a receção de tão elevado número de participantes e atividades.



Figura 2 – Mértola, Distrito de Beja – Territórios desertificados do interior.

Ao realizar-se uma análise aprofundada sobre a temática das festas e sobre o modo como esta é abordada por diferentes autores é possível verificar que existe uma panóplia de categorias já definidas que podem ser apresentadas sucintamente.

Helena Carcajeiro (2011, p.44), distingue os diferentes tipos de festas em três categorias, **As Festas de Percurso**, e dá como exemplo as procissões e as romarias, **As Festas de Lugar**, que define como sendo aquelas que acontecem em lugares específicos dentro do aglomerado urbano como terreiros e praças, e **As Celebrações**, que diferem das festas de lugar uma vez que perdem o carácter cíclico inerente a estas. Como exemplo destas festas refere os casamentos, acontecimentos culturais e lúdicos, etc..

Autores como Marília Abel (2006, p.24), apresentam uma lista extensiva de categorias de festa que é metodologicamente definida de acordo com o modo como as festas como se modificaram ao longo dos tempos. Podem assim referir-se **festas de cunho religioso**, que eram todas as festas organizadas pelo poder central e municipal que se traduziam em missas e procissões, **festas públicas de iniciativa real**, associadas a cortejos e entradas reais, **festas populares**, que eram organizadas maioritariamente por irmandades e confrarias que integravam compreendiam as romarias e os arraiais, **festas oficiais**, mais comuns após a consolidação do liberalismo, surgiam sobre a forma de cortejos cívicos e exposições organizadas pelo poder central ou municipal, **festas urbanas**, de cariz populista fortemente associadas a desfiles cortejos e manifestações e as **festas revivalistas**, que traduzem um carácter definitivamente mais tradicional associado às festas rurais.

Para além deste tipo de metodologia ainda é possível identificar dois outros autores, Chris Gibson e John Connell (2011, p.6), cujo estudo se revelam, a este propósito, pouco mais generalista na escolha das suas categorias diferenciando as festas em **festivais desportivos, comunitários, agrícolas, musicais, artísticos, de gastronomia, jardinagem, culturais, ambientais, históricos, pedagógicos e época natalícia/ano novo**. No meu entender, estas festividades deveriam ser consideradas subcategorias das diferentes tipologias de festas, uma vez que se torna muito confuso analisar cada uma por si só e não nos ajudam a estabelecer linhas gerais para a construção de uma metodologia sobre a forma de intervir nestes espaços.

Como se pode observar, pode ser delimitado um vasto número de tipologias para caracterizar diferentes tipos de festas. No entanto, no que diz respeito à narrativa que envolve os parâmetros e os critérios que devem ser subjacentes à requalificação dos espaços de festa, as categorias referidas anteriormente parecem não compreender os aspetos necessários de modo a orientar o projetista para um determinado tipo de intervenção. Como tal, no âmbito da requalificação de espaços urbanos de festa, é sugerida a definição da seguinte ordem de festas:

Festas consolidadas vinculadas ao lugar: estas podem ser identificadas como todas as festividades cíclicas, sejam elas de cariz religioso, popular ou cultural que já se encontram vinculadas a um determinado espaço e inferem um carácter identitário muito forte sobre quem lá vive.

Festas que se estendem ou ocupam as artérias no espaço urbano: as festas integradas nesta categoria encontram-se fortemente associadas às romarias e procissões assim como festas de carácter espontâneo como por exemplo as festas de final de campeonato desportivo que pelo carácter único que possuem devem ser distinguidas de todas as outras, mas também abrange festas como alguns arraiais que são realizados em praças, largos ou mesmo à volta das igrejas e que acabam por se expandir por todo o espaço urbano e pelas artérias que o interligam.

Festas em ambientes rurais integrados na cidade contemporânea/difusa: festividades que ocorrem em espaços rurais de forma estratégica que resultam em grandes encontros entre diferentes populações que se deslocam para assistir e participar nas atividades festivas, lúdicas e comerciais como exemplos disso temos algumas festas que têm lugar em algumas freguesias de Faro como Estoi, Conceição, Santa Bárbara de Nexe e na Bordeira ou de algumas feiras medievais.

Festas sem lugar: este tipo de festividades são normalmente consideradas eventos pontuais sem um espaço verdadeiramente associado à sua origem. Como exemplo desta tipologia de festa podem verificar-se alguns concertos, e espetáculos.

1.3. O Espaço Urbano de Festa

No âmbito da Arquitetura Paisagista, com conceitos tão enraizados como o “*genius loci*” e os princípios da “homeostasis”, e com o reconhecimento do valor e importância que confere às outras disciplinas favorecendo processos transdisciplinares, seria um erro não estudar as grandes questões que envolvem esta temática da festa mais associadas a aspetos ligados à etnografia, etnologia, sociologia e à antropologia, e que são fundamentais para entender o espaço.

Segundo Moutinho (1980, p.13) à etnografia cabe um trabalho fundamental de reflexão, síntese e generalização sobre a sociedade, a partir da inventariação dos diferentes aspetos da vida social e cultural dos núcleos observados. Para a maior parte das pessoas a etnografia baseia-se fundamentalmente em tradições e vivências do passado, como os trajes regionais, as danças e as cantigas associadas a práticas culturais. Deste modo quando se aborda este assunto no contexto dos Espaços Urbanos de Festa, é quase impossível não explorar conceitos como a Etnografia da Comunicação (Saraiva, 2004, p.11). Este conceito aborda níveis de comunicação em alturas específicas como as cerimónias, festas e atividades lúdicas onde atos como a fala são explicados tanto pela sua manifestação como pela sua ausência (Parafita, 2012, p. 13).

Quando se faz referência à palavra etnografia, é quase impossível não tentar observar uma realidade num contexto sociocultural sem que seja obrigatório focar-se no “antigamente” (Saraiva, et al., 2004, p. 9). O património etnográfico pode existir em diversas escalas, entre as quais se pode considerar o património etnográfico local, que é o que se irá abordar com maior pormenor. Segundo os autores já referidos quando se trabalha a esta escala torna-se imprescindível tomar algumas precauções para não cometer o erro de tratar o “património” como se este fosse eterno (Saraiva, 2004, p. 11).

Outra das questões fundamentais para se entender a importância destes espaços é perceber a razão e a necessidade da festa.

Segundo Ernesto Veiga de Oliveira (1987, p. 36), a festa pode ser entendida como um intervalo, uma compensação durante o quotidiano laboral pelo trabalho que é realizado no dia-a-dia, com a intenção de se atingir um equilíbrio.

No entanto para Carlos Silva (2006, p.10), a festa apenas deve ser entendida assim num nível ainda superficial, porque conforme vamos irrompendo o cerne desta temática apercebemo-nos de que a festa, e principalmente quando estamos a falar das categorias de festas consolidadas vinculadas ao lugar e nas festas que se estendem ou ocupam as artérias no espaço urbano, deve ser considerada como um ato de continuidade com o quotidiano, uma vez que estas festas são cíclicas e geralmente já se encontram agendadas num calendário. Apesar da festa ser considerada um momento de passagem não deixa de ser um momento identitário que revive de certo modo um passado adaptado ao presente.

Para Conceição Lopes, a festa também está longe de ser considerada o outro lado do quotidiano, já que faz parte dos mundos de experiência daqueles que a organizam e daqueles que participam nela sendo que a relação entre a festa e o quotidiano deve ser assim entendida como de continuidade e não de rutura (Lopes, 2006, p.3).

Para Helena Carcajeiro (2011, p.39) a festa é uma atividade voluntária, na medida em que grande parte dos intervenientes atuam pelo divertimento e pelo prazer de participar considerando que esta não constitui uma atividade meramente produtiva, embora alguns dos participantes venham a obter lucro. O que se pode verificar nos dias que correm, é que esta atividade vem-se tornando cada vez mais, numa ação produtiva e competitiva, na medida em que os produtores locais aproveitam este tipo de acontecimentos para divulgar e vender os seus produtos. Assim, como exemplo disto, temos a grande Festa da Noite do Mercado dos Lavradores, no dia 23 de Dezembro no Funchal, ou a Festa da Maçã, na Camacha, Santa Cruz, ambas realizadas na ilha da Madeira. Muitas das festas aparecem justamente associadas a feiras como ocorre, por exemplo, na altura das colheitas.

Helena Carcajeiro (2011, p.39) define três categorias de Espaços Urbanos de Festa que podemos explicar rapidamente:

Os **Espaços que têm a sua origem na festa** e que só adquirem verdadeiro sentido nos períodos festivos e geralmente estão afastados dos núcleos urbanos. (Carcajeiro, 2011, p.39). Normalmente estes espaços estão relacionados com festas religiosas e festas populares correspondendo a lugares que ficaram marcados pelos trajetos de romarias e

procissões. Exemplos disto são as praças ou largos existentes perto de igrejas onde se realizam festas em homenagem aos Santos.

Os Espaços gerados pela própria festa e que são integrados e absorvidos pela estrutura urbana e os espaços gerados pela ocupação de vazios e falhas na estrutura da cidade, geralmente em situação periférica ou residual. (Carcajeiro, 2011, p.40).

Os primeiros podem muitas vezes ter origem na primeira categoria de espaços urbanos de festa. Como exemplo pode-se olhar para o caso da grande festa do arraial de São Vicente na Madeira em homenagem ao Senhor do Bom Jesus que acontece todos os anos durante a última semana de Agosto. Quando surgiu, acredita-se que a festa seria, à semelhança de outras espalhadas pela região, confinada ao espaço adjacente à capela de São Vicente e às ruas por onde passava a procissão. No entanto, com o evoluir dos tempos, a festa passou a abranger praticamente todo o núcleo urbano do concelho, já não sendo possível reconhecer o local específico onde teve origem. Nos últimos tempos adquiriu tal magnitude, e a afluência das pessoas provenientes de outras localidades da região é tão grande, que a festa passou a comportar uma dimensão mais social do que religiosa ou popular, dimensões que passam a assumir um papel mais complementar.

Em relação à última categoria, um exemplo deste tipo de espaços são os vazios urbanos, que são escolhidos para os grandes concertos e espetáculos contemporâneos, onde é necessário existir uma grande capacidade de carga, isto é, dar lugar a um número bastante elevado de pessoas, bem como às infraestruturas de apoio à realização deste tipo de evento.

No entanto, é quase impossível olhar para esta categoria de espaço, onde se realizam muitas vezes espetáculos que movem as grandes massas, especialmente as faixas etárias mais jovens e não pensar na possibilidade de que no futuro estes venham a ser considerados lugares que tiveram origem numa dessas festas e que estes estejam tão vinculados a elas que no quotidiano se desvaneça o seu verdadeiro significado.

Após esta breve reflexão sobre diferentes tipologias de espaços urbanos de festa e de acordo com a necessidade de estabelecerem-se mais uma vez critérios de apoio a

realização de um determinado projeto de requalificação sugerem-se as seguintes categorias:

Espaços de Festa Consolidados: estes espaços consistem em lugares que tiveram a sua origem na própria festa e que geralmente só adquirem o seu verdadeiro sentido nos períodos que ocorrem estas atividades. Como exemplo desta categoria de espaços pode-se referir o Largo da Achada na Camacha que motivou o presente estudo. Este lugar encontra-se intrinsecamente associado a um vasto número de eventos festivos que já são permanentes no calendário de festas desta localidade.



Figura 3: Espaços Consolidados de Festa

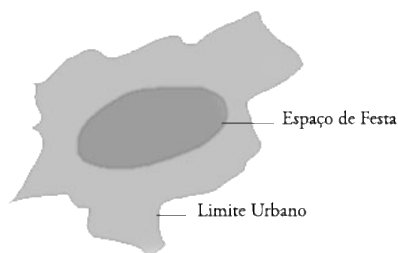


Figura 4: Representação Esquemática de Espaços Consolidados de Festa

Este tipo de espaços necessita de integrar características específicas de modo a responder às exigências das atividades que são lá praticadas. Isto é, devem estar preparados de modo a que o programa de festas já existente e proposto possa ser valorizado e possa ser executado sem comprometer a segurança e a saúde dos participantes. Como tal é proposto um conjunto de medidas para este tipo de espaços que puderam ser visualizadas na proposta de intervenção para este espaço e adaptadas aos outros da mesma categoria.

Espaços de Festa Periurbanos/Vazios Urbanos: estes espaços não estão normalmente associados a uma determinada festa em particular. Geralmente constituem não-lugares que já albergaram algum uso ou atividade em tempos ou simplesmente foram deixados ao abandono e estão à espera de uma nova utilização. Como exemplo pode verificar-se um caso de enormes proporções que é o Parque das Nações, construído para dar lugar à Expo 98. Antes da requalificação este lugar era um espaço industrial como diversas áreas degradadas.

Outro exemplo que se pode evidenciar, mas desta vez pelo contrário é o caso da antiga feira popular que se realizava numa área com 51948 m² junto à Avenida 5 de Outubro em Lisboa. Este espaço era fortemente caracterizado pelo grande parque de diversões, no entanto esta atividade viria a ser sessada em 2003 e desde então este espaço foi deixado ao abandono passando a ser considerado um terreno vago.

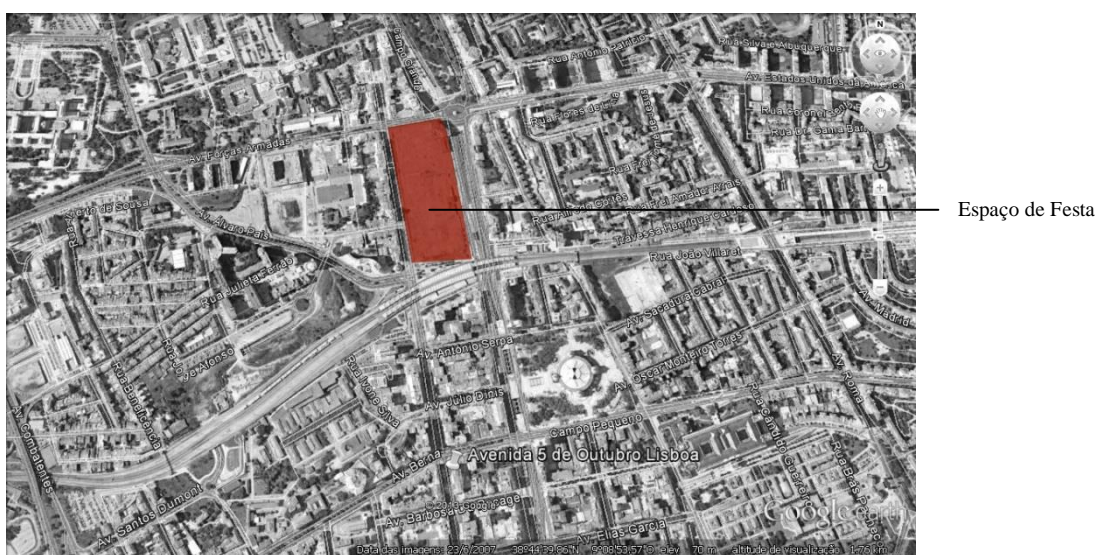


Figura 5: Espaços de Festa Periurbanos/Vazios Urbanos – Avenida 5 de Outubro, Lisboa – Local onde era realizada a antiga Feira Popular.

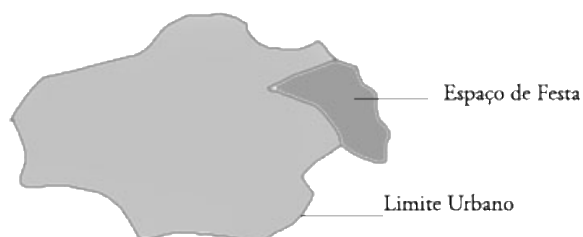


Figura 6: Representação esquemática de Espaços de Festa Periurbanos/Vazios Urbanos

Nestes casos pode-se verificar facilmente que uma proposta de intervenção está diretamente associada à escala metropolitana em que é necessário o planeamento de um vasto conjunto de características que venham a determinar um programa consolidado e um conjunto de infraestruturas indispensáveis ao funcionamento destes espaços enquanto anfitriões de eventos de grande magnitude.

Artérias que Interligam Diferentes Espaços de Festa: Geralmente associadas também a festas de grande amplitude como os arraiais e as romarias. Estes espaços são característicos, diferentes de todos os outros devido ao seu carácter linear. Em determinadas festas estes espaços são ornamentados com postes de madeira onde são fixados enfeites e gambiarras. Constituindo o local onde se realizam os cortejos e desfiles, em algumas situações chega, no entanto, até adquirir carácter de permanência quando são fixadas nestes espaços “barraquinhas” de comes e bebes como é o caso do exemplo que podemos verificar a seguir.



Fig.7 – Artérias que Interligam Diferentes Espaços de Festa – São Vicente, Madeira

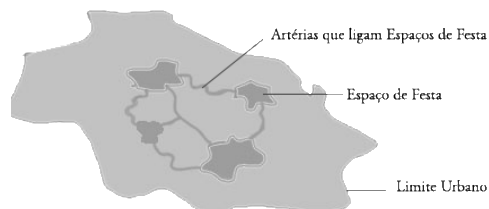


Figura 8: Representação de Artérias que interligam Espaços de Festa

Espaços de Festa Rurais integrados na Cidade Difusa: segundo Francesco Indovina em (Ramos, et al., 2004, p.50) as formas de organização do território sofrem um longo processo, que geralmente se constitui três estádios até a formação da cidade difusa, ainda assim, isto não quer dizer que seja obrigatório passar por todas as etapas para que a cidade resulte neste modelo. Inicialmente são **cidades em territórios agrícolas**, seguidamente passam pela fase em que se transformam em **cidades rodeadas por campo urbanizado** (campo com edificação disseminada residencial e não residencial), formando-se, por fim **uma única grande cidade com algumas zonas de campo incorporadas**. (Ramos, et al., 2004, p.50).

Estes três estádios estão relacionados com aspetos sócio económicos, e com as circunstâncias produtivas que se verificam numa determinada região.

Um exemplo deste tipo de espaços é o Concelho de Faro em que temos espaços de festa rurais integrados em algumas das suas freguesias tais como Estói, Santa Bárbara de Nexe e Conceição. Todos estes núcleos rurais integram um calendário festivo muito característico. Em Estói são realizadas todos os anos as festas da Pinha, dos Artesãos, a festa do Mercado, a feira do Cavalo, e o festival da água, bem como em Santa Bárbara de Nexe são realizados o festival do folclore e a Nexemostra, que integra um conjunto vasto de atividades tais como uma feira de artesanato e um arraial popular em que a festa espalha-se pelas ruas centrais da freguesia. Conceição de Faro também é muito característica pela festa da Sardinha e pela festa em honra da Nossa Senhora da Conceição.

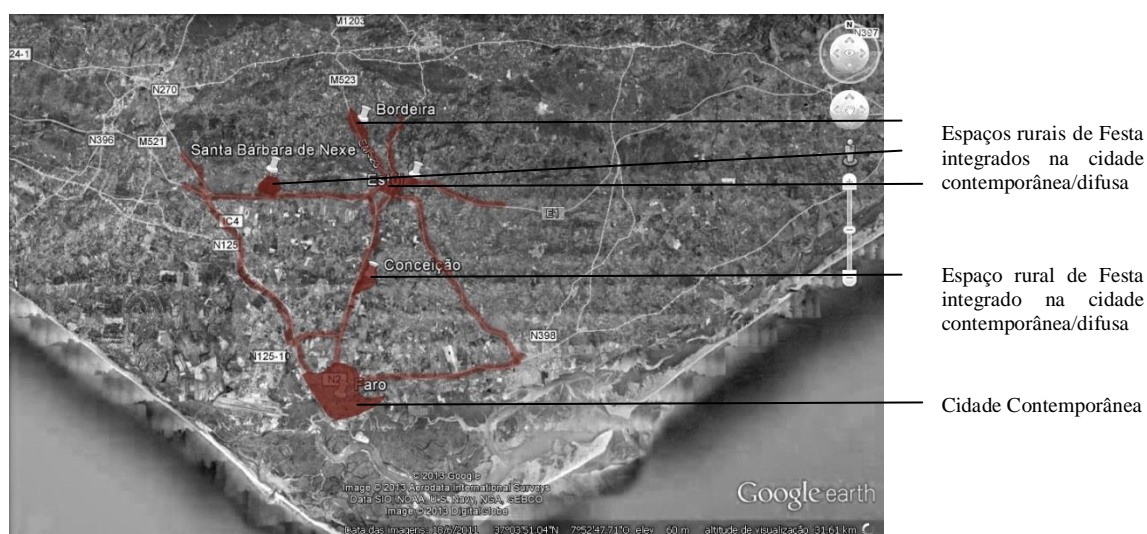


Fig.9 – Espaços de Festa Rurais Integrados na Cidade Contemporânea/Difusa

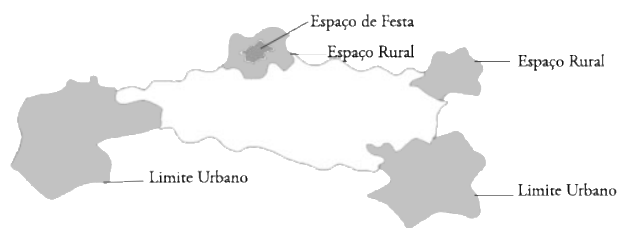


Figura 10 – Representação esquemática de Espaços de Festa Rurais Integrados na Cidade Contemporânea/Difusa

Neste tipo específico de espaços a festa passa a ser considerada a festa da cidade difusa, em que surgem os participantes, sejam eles visitantes ou comerciantes de todos os lados.

Segundo Miguel Costa e Desidério Batista (2011, p.18) é importante deste modo advertir para a necessidade da reabilitação de núcleos históricos de antigos povoados rurais como estas freguesias, fomentando assim o incremento das relações sociais, e realçam a evidência de que eventos como os dias de mercado, festas, sociais e culturais são extremamente relevantes no estabelecimento de comunidades fortes e coesas.

1.4. Estudos de Caso

Os estudos de caso que se seguem incidem maioritariamente nas tipologias de **espaços de festa consolidados** referentes aos que têm origem na própria festa e que como tal não fazem sentido sem ela. É necessário neste estudo aprofundar esta categoria, uma vez que integra o espaço que se pretende requalificar, o Largo da Achada. A abordagem dos estudos de caso é realizada, não só a partir da pesquisa bibliográfica, mas também através de registos de observação das festas realizadas no Largo da Achada, as festas de Gaula e a grande festa do Arraial de São Vicente. Para as restantes festas, o estudo não considerou o trabalho de campo, restringindo-se à pesquisa bibliográfica.

É por vezes difícil perceber se é a festa que influência a forma do lugar ou se é o lugar preexistente que se ajusta ao tipo de festa. No entanto é possível afirmar que existem casos que correspondem a cada uma destas situações. Um exemplo muito apontado está relacionado com o Rei Filipe II, de Espanha, que em 1573 estabeleceu por lei os critérios que deveriam definir a localização, a forma e o tamanho das praças, e justificando as dimensões referidas com a necessidade da realização de festas e celebrações (Benevolo, 2005, p.416)

O objetivo deste estudo é tentar perceber como é que as festividades se desenvolvem no meio urbano e como é que é realizada a ocupação dos diferentes espaços em ocasiões de festa. Os estudos de caso têm em comum um vínculo muito forte com as festividades religiosas e por conseguinte com atividades relacionadas, tais como as romarias e procissões. Como tal são identificadas algumas dessas situações de modo a tentar reconhecer as necessidades dos participantes neste tipo de celebrações.

Maria Trindade dá-nos uma boa definição daquilo que é na realidade uma romaria e de todas as componentes que envolvem este tipo de festividade que podemos citar: *“Romarias são celebrações em honra de qualquer santo (...), compreendendo, no seu dia, missa cerimonial e geralmente procissão duplicadas de uma festa característica, em que coexistem elementos de vária espécie, religiosos, profanos, cristãos e mágicos, solenes, festivos, devoções, cumprimento de promessas, fogo de artifício, diversões, música, danças, merenda e feira, traduzindo uma diversidade de origens”* (Trindade, 1991, p.31).

Através desta definição é fácil distinguir as verdadeiras diferenças entre aquilo que é uma romaria e aquilo que é uma procissão. Pode-se entender que a procissão é um ritual que geralmente é componente integrante da romaria. Normalmente as pessoas concentram-se no adro de uma determinada igreja de onde partem a uma determinada hora. É realizado um percurso em honra e devoção a uma determinada figura divina e procede-se ao regresso ao local de partida, onde termina a romaria ou dá-se início a uma outra fase, ou seja à continuação dos festejos.

1.4.1. Festas da Camacha (Santa Cruz, Madeira)

Pode-se verificar que hoje em dia o número de habitantes, bem como a construção de novas acessibilidades, influência em muito os trajetos das romarias e procissões como também é determinante muitas vezes na escolha do espaço final são realizadas algumas festas.

Pode entender-se desta forma que o número de habitantes é diretamente proporcional à necessidade de redimensionar e construir espaços destinados a estas atividades.

Ao questionar uma habitante da Camacha sobre as alterações que se vêm a verificar nas tradições e no trajeto relativo à procissão das velas que se realiza todos os anos no dia 12 de Outubro, é possível entender que algumas mudanças foram provocadas pela construção da igreja nova, a construção da estrada regional 102 e com o crescimento habitacional.

“Quando pequena lembro-me que saía da igreja matriz de São Lourenço e descia o caminho do Açogo. Dava a volta à Achada e subia depois novamente para a Igreja passando em frente à Quinta das Almas. Mais tarde recordo-me que a procissão das velas que saía da igreja nova, vinha pela estrada regional 102 e subia até o Rochão, onde hoje existe a igreja da paróquia de Nossa Senhora do Carmo. No ano seguinte saía da igreja nova e ia até a ribeirinha seguindo a estrada regional até a capela que fica ao pé da casa da família Fernandes” (Fátima Valente, Largo da Achada, 28-10-2011).



Figura 11: Trajeto relativo à Procissão das Velas que se realizava antigamente no Largo da Achada.

Estas mudanças não acontecem apenas pela influência de fatores externos ou alterações no lugar, podendo considerar-se que existe uma vontade constante de alterar e experimentar novos trajetos. É um facto que pode muitas vezes estar associado à vontade de certos habitantes de ver a procissão passar à frente das suas casas, ou pela necessidade de tentar encontrar um caminho mais acessível e menos exigente.

Em relação à festa da Maçã e à festa do arraial da Camacha, (Festa profana associada a São Lourenço, Santo Padroeiro da Camacha), que são celebradas no Largo da Achada, pode verificar-se também mudanças, na medida em que algumas das atividades antes praticadas no Largo passaram a ser feitas junto à igreja nova. No entanto este espaço continua a integrar a maioria das vivências antigas tais como a construção de “barraquinhas” em madeira com comes e bebes tradicionais que são espalhadas pelo Largo, as atuações dos grupos folclóricos da Camacha e as exposições de artesanato associadas aos vimes.

O espaço do Largo da Achada enche nas alturas de festa, principalmente durante os arraiais, concentrando-se as pessoas junto às “barraquinhas” e no centro do Largo onde é atualmente localizado o palco para a atuação dos artistas convidados.

Todas estas informações são relevantes para a realização de uma proposta de intervenção uma vez que nos fornecem dados relativamente ao modo como o espaço é utilizado.



Figura 12: Registo dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas no Largo da Achada durante o quotidiano.



Figura 13: Registo do trajeto atual da procissão das festas do Santíssimo Sacramento e dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas no Largo da Achada durante as festas.

Ao perceber-se como funciona este espaço durante as alturas de festa e durante o quotidiano conseguimos perceber quais são os pontos de maior interesse e estabelecer alguns critérios para a realização da proposta de um programa consolidado.

1.4.2. Festas da Nossa Senhora da Luz (Mourão - Aldeia da Luz)

A Aldeia da Luz é uma freguesia pertencente ao concelho de Mourão, distrito de Évora, o seu ciclo festivo compreende muitas festividades. No entanto, as mais importantes, são as realizadas em homenagem à sua santa padroeira Nossa Senhora da Luz, que tem lugar no primeiro fim de semana do mês de Setembro. Estas festas compreendem vários dias e integram missas, procissões e espetáculos como as touradas, as vacadas e a atuação de alguns artistas convidados. As vacadas, normalmente, têm lugar no largo da escola, pelo facto de ser um espaço amplo e o solo de terra ser adequado a esta atividade (Saraiva, 2005, p.146).

As festas noturnas são normalmente realizadas no largo principal da aldeia, pois é o que tem mais espaço e reúne as melhores condições. É nestas festas que atuam os artistas convidados, e se realizam os bailes e o típico espetáculo de fogo-de-artifício. Nesta aldeia celebram-se várias procissões em honra a alguns santos como a Nossa Senhora do Rosário sendo, no entanto, a mais importante a que se realiza no domingo (Saraiva, C., 2005, p.147). *“O momento mais solene da festa é a grande procissão em honra de Nossa Senhora da Luz, no domingo ao fim da tarde. A procissão saía da Capela do Sagrado Coração, no Largo 25 de Abril, dando a volta pela rua mais antiga do povoado, a Rua de Trás, e depois pela rua principal, a Rua Sá Carneiro, Rua da Fonte e seguindo pela Rua da Igreja para percorrer a pé os cerca de 800 metros que separavam a ponta final da aldeia da igreja matriz”* (Saraiva, 2005, p.147).

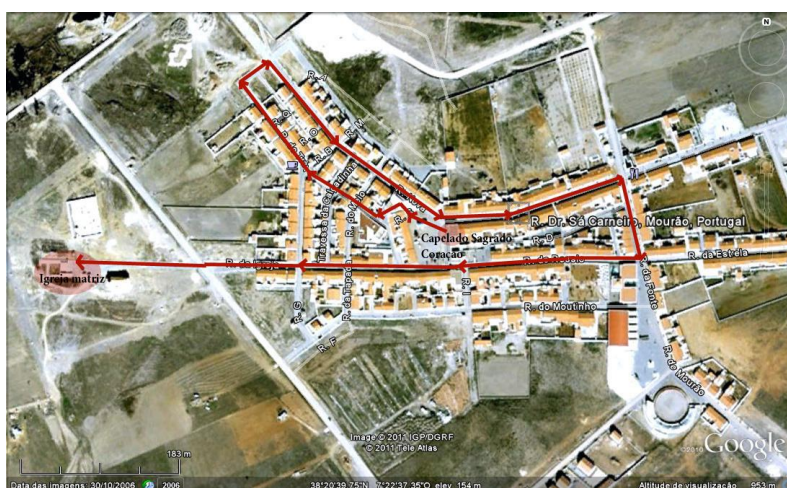


Figura 14: Trajeto relativo à Procissão da Nossa Senhora da Luz que se realiza na Aldeia da Luz.

A Aldeia da Luz tem 373 habitantes, e apesar da antiga aldeia estar integrada no perímetro da barragem de Alqueva, obrigando à sua realocação, os trajetos continuam, ainda assim, a ser basicamente os mesmos. Ao perceber nesta aldeia a relação que os espaços têm com estas festas e com os percursos, pode-se quase afirmar que estes foram desenhados para estas responder às exigências destas atividades festivas. Em comparação com os outros estudos abordados pode-se verificar que neste caso, o percurso percorrido pela procissão abrange quase toda a aldeia.



Figura 15: Igreja matriz, cemitério e praça de touros em dia de festa relativamente à nova Aldeia da Luz.

Relativamente ao projeto de reconstrução da Aldeia da Luz, pode-se verificar que os arquitetos apoiaram-se estrategicamente nas questões que envolvem as próprias festas e as atividades religiosas. A igreja matriz, o cemitério e a praça de touros na aldeia antiga encontravam-se a 1km de distância do núcleo populacional. Este conjunto de elementos atuava neste espaço como a união entre as esferas da morte e da festa, do sagrado e do profano. O que se pode observar é que de acordo com estes critérios a equipa projetista articulou estes três elementos na nova Aldeia da Luz que continuaram juntos no entanto com um novo enquadramento paisagístico junto à água (Saraiva, 2007, p.443).

O que se pode verificar em relação ao caso da Aldeia da Luz e ao Largo da Achada é que apesar da diferença de escala, as intervenções nestes espaços não podem desprezar o modo como os utilizadores os frequentam habitualmente e no que toca às atividades festivas estes mostram-se bastante sensíveis e reticentes em relação a algumas mudanças como se pôde observar quando decidiram juntar as festas do Sagrado Coração com as cerimónias de encerramento do cemitério velho e com a bênção do novo em que ninguém apareceu à vacada como forma de protesto. (Saraiva, 2007, p.79)

1.4.3. Festas da Nossa Senhora da Luz (Santa Cruz, Gaula, Madeira)

Gaula é uma freguesia do município de Santa Cruz na Madeira. À primeira vista podia-se pensar que nesta aldeia as festas poderiam ser muito semelhantes às que são realizadas na aldeia da Luz uma vez que são associadas à mesma padroeira. No entanto é tudo bastante diferente, desde os rituais aos elementos que surgem neste local como os rituais que são realizados neste dia. A sua única semelhança é mesmo a data em que ambas ocorrem (Barros e Costa, 2003, p.86).

Na Região Autónoma da Madeira, alguns dos espaços associados às festas e romarias que ganharam especial expressão desde há muito tempo, e que também estão presentes nas festas de Gaula, são as chamadas latadas. São terrenos de cultivo de vinha, onde os romeiros dormem as horas que vão desde que chegam a Gaula até a procissão do dia 8 de Setembro. Nesse dia aparecem muitos devotos vindos de outras freguesias, é celebrada a missa solene e começa a procissão que sai da igreja da Nossa Senhora da Luz dá a volta ao quarteirão e volta à mesma (www.juntospelopovo.com).

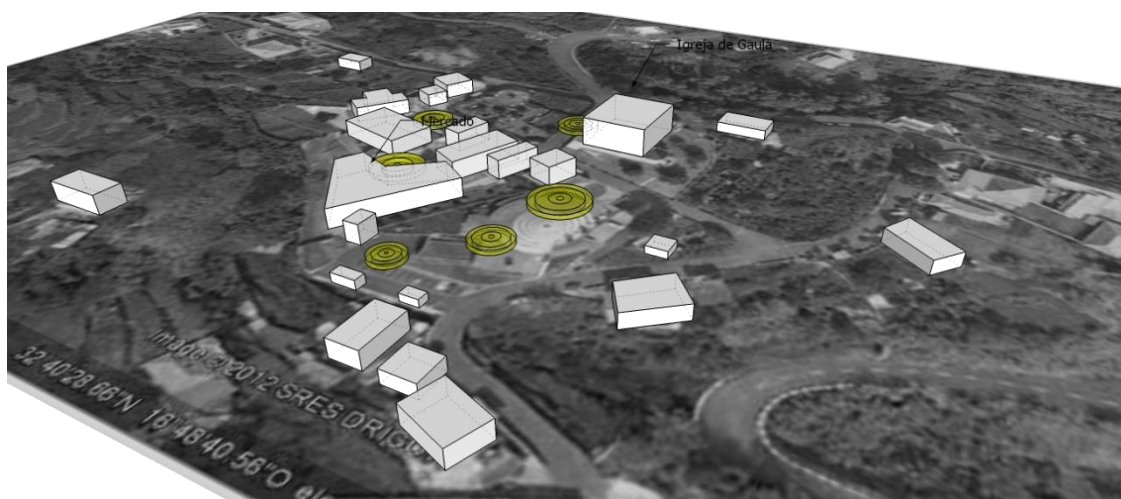


Figura 16: Registo dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas em Gaula durante o quotidiano.

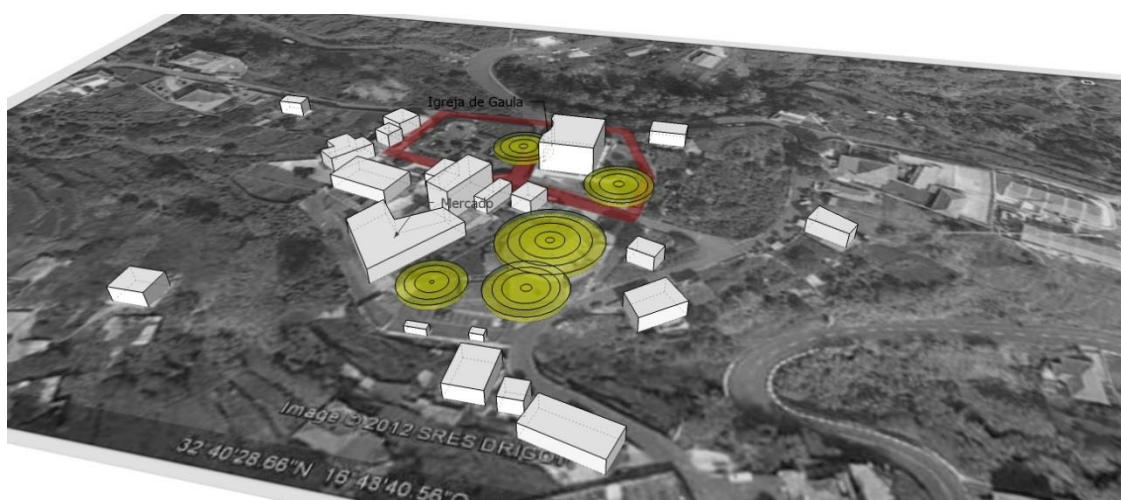


Figura 17: Registo do trajeto atual da procissão da festa da Nossa Senhora da Luz e dos pontos onde se verifica a maior concentração de pessoas em Gaula durante as festas.



Figura 18: Atuação do grupo Folclórico de Gaula no anfiteatro junto ao mercado tradicional.

Em relação ao núcleo populacional de Gaula o que podemos verificar é que em relação ao local onde está inserido o Largo da Achada e em relação à Aldeia da Luz este é dotado de uma escala ainda de menores dimensões. No entanto à semelhança dos outros este também é um local de festa e também foi alvo de intervenção há relativamente

pouco tempo. Como resposta à necessidade de satisfazer as atividades festivas de Gaula foi construído um anfiteatro onde se podem realizar as mais diversas celebrações.

1.4.4. As Festas do Espírito Santo e as Romarias Quaresmais de São Miguel (Açores)

Estas duas celebrações são compreendidas por duas tipologias de espaços urbanos de festa, os **Espaços Consolidados de Festa** e as **Artérias que Interligam Diferentes Espaços de Festa**.

Segundo Adolfo Coelho (1993, p.278), as festas populares tiveram origem em velhos cultos naturalísticos. As festividades foram geralmente influenciadas ou pelas estações do ano, pela luz e pela escuridão, a noite e o dia, o bem e o mal, a vida e a morte. Poderemos considerar, a este propósito, o exemplo das festas do Espírito Santo, nos Açores e as romarias quaresmais de São Miguel que também ocorrem nos Açores. No primeiro caso festeja-se a vida e o rejuvenescimento. Mas já o segundo é motivado pela oração e pela penitência onde é prestado culto aos cerca de cem santuários que se encontram distribuídos pelas freguesias de São Miguel. O percurso destas romarias é sempre realizado de forma circular no sentido dos ponteiros do relógio e tem uma extensão de aproximadamente 200 km dos quais são percorridos por dia mais ou menos 25km (Leal, 1994, p.242).

Antigamente os grupos de romeiros entendidos como ranchos pernoitavam em palheiros também descritos como cafuas, onde tinham lugar as suas refeições. No entanto nos dias que correm estes ficam hospedados nas casas dos moradores das ditas freguesias de pernoita (Leal, 1994, p.243).

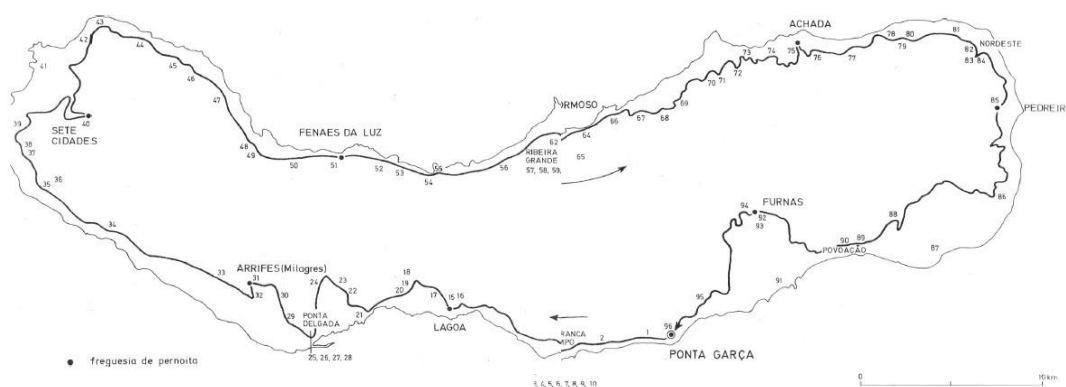


Figura 19: Trajeto das Romarias Quaresmais de São Miguel nos Açores.

Em relação às Festas do Espírito Santo, mais conhecidas por impérios como são designadas nos Açores, estas são realizadas 50 dias depois do domingo de Páscoa tendo o seu culminar no domingo de Pentecostes. Acredita-se que esta atividade foi desde sempre muito influenciada pelo ciclo de produção agrícola e pelas características sísmicas e vulcânicas que assolam esta região desde a sua origem, de modo que eram realizados rituais processionais de culto ao Divino com o intento de minimizar ou acalmar a ira da Natureza. (www.monumentos.pt).

As festas do Espírito Santo são caracterizadas por várias procissões que se estendem de forma irradiada pelo espaço urbano em quase todas as ilhas dos Açores. Podem-se dar os exemplos da procissão do vitelo, “a folia” e “a mudança” que são sempre acompanhadas de grandes festejos como “a função”, que consiste num grande banquete ritual realizado no domingo de Pentecostes e as famosas touradas à corda. (Noé, 2012, p.7).

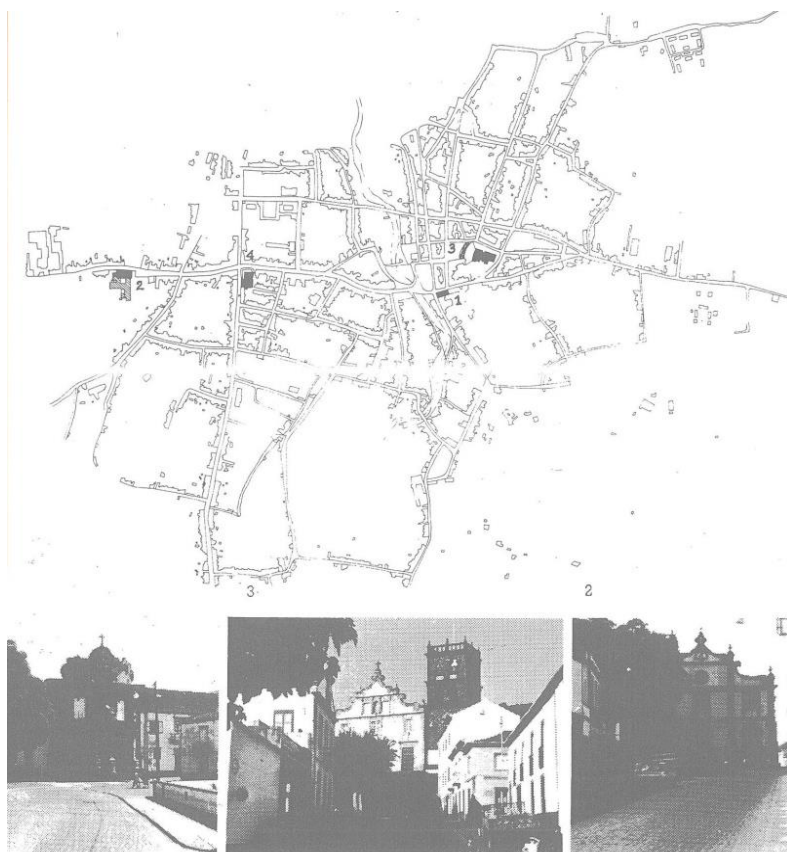


Figura 20: Posicionamento das igrejas açorianas na estrutura urbana. Ribeira Grande, São Miguel. 1. Igreja do Espírito Santo. 2. Igreja de S. Francisco. 3. Matriz. 4. Igreja da Conceição.

É interessante verificar a importância dada ao culto das festas do Espírito Santo desde os tempos primitivos em que eram realizadas construções de edifícios efémeros que eram desmontados após as festividades, e que deixaram marcados por esta região símbolos e artefactos realizados em alegoria a estas festas. (www.monumentos.pt). Este tipo de intervenções que eram realizadas em função das festas reflete o impacto que estas atividades desde sempre conseguiram ter no que diz respeito à morfologia do espaço urbano. Mesmo que de modo efémero, o seu carácter cíclico conferia-lhes um poder e um valor cultural que deixa sempre as suas marcas ao longo dos tempos.

Deste modo, de modo análogo aos restantes estudos de caso, pode verificar-se mais uma vez que a maneira como as atividades festivas se desenvolvem numa determinada região influenciam muito como é construído o espaço público e como são realizadas algumas intervenções.

1.5. A Morfologia do Espaço Urbano de Festa no Contexto da Requalificação do Largo da Achada.

Segundo José Lamas (2000, p.73) a noção de forma aplica-se a conjuntos urbanos de diversas grandezas e complexidade, para este não existe um limite específico mas sim uma dimensão e uma escala, este define três dimensões para o espaço urbano que se podem explicar rapidamente:

Dimensão sectorial – A Escala da Rua - Os elementos morfológicos e as características desta dimensão são evidentes tais como as fachadas, o mobiliário urbano, pavimentos, cores, texturas, vegetação e monumentos isolados, como exemplo desta temos as ruas e praças (Lamas, 2000, p.73).

Dimensão Urbana – Escala do Bairro – Os elementos morfológicos característicos desta dimensão são estruturas tais como as ruas e as praças, devem de ser identificados com as formas e a análise da forma necessita do movimento e de vários percursos (Lamas, 2000, p.73).

Dimensão Territorial – Escala da Cidade – Nesta dimensão a forma articula-se através de diferentes formas da dimensão urbana e muitas vezes dá origem a conceitos tais como, a cidade linear, radioconcêntrica, em malha ortogonal, etc. (Lamas, 2000, p.74).

Através destas definições é fácil percebermos que a vila da Camacha, está englobada naquilo que José Lamas define como Dimensão Urbana e que o Largo da Achada pertence à dimensão sectorial.

Este tipo de classificação é relevante pois fornece orientações para os estudos a realizar e o que têm de se considerar quando pensamos em intervir no espaço urbano.

Carlos Caro e Juan Rivas (1990, p.53) na sua obra apresentam um quadro de formas de diversas tipologias de praças elaborado por Gordon Logie.

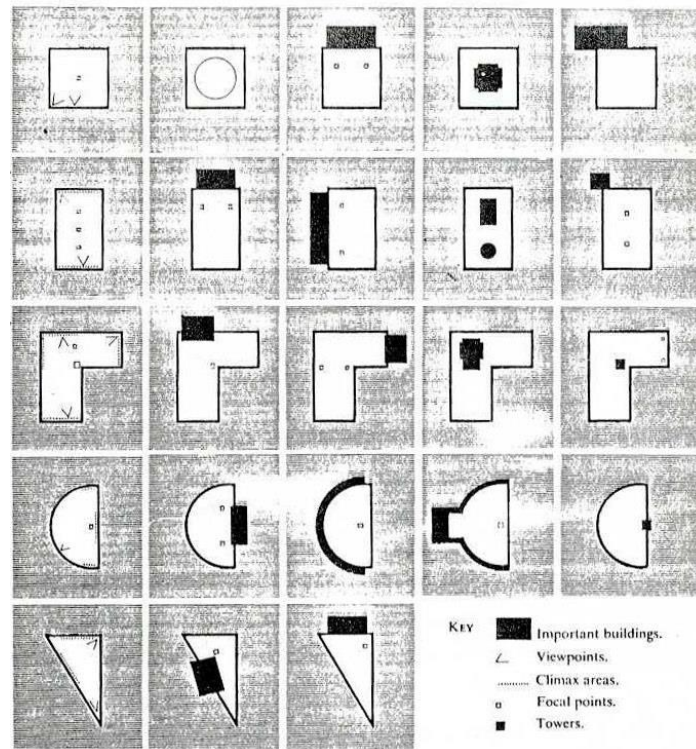


Figura 21: Formas Fundamentais das Praças.

O quadro apresenta diversas formas de praças e o modo como estas se relacionam com edifícios de valor cultural, com as vistas, pontos focais e elementos verticais como torres.

José Lamas (2000, p.101) também apresenta na sua obra um quadro de formas de diversas praças elaborado por Robert Krier.

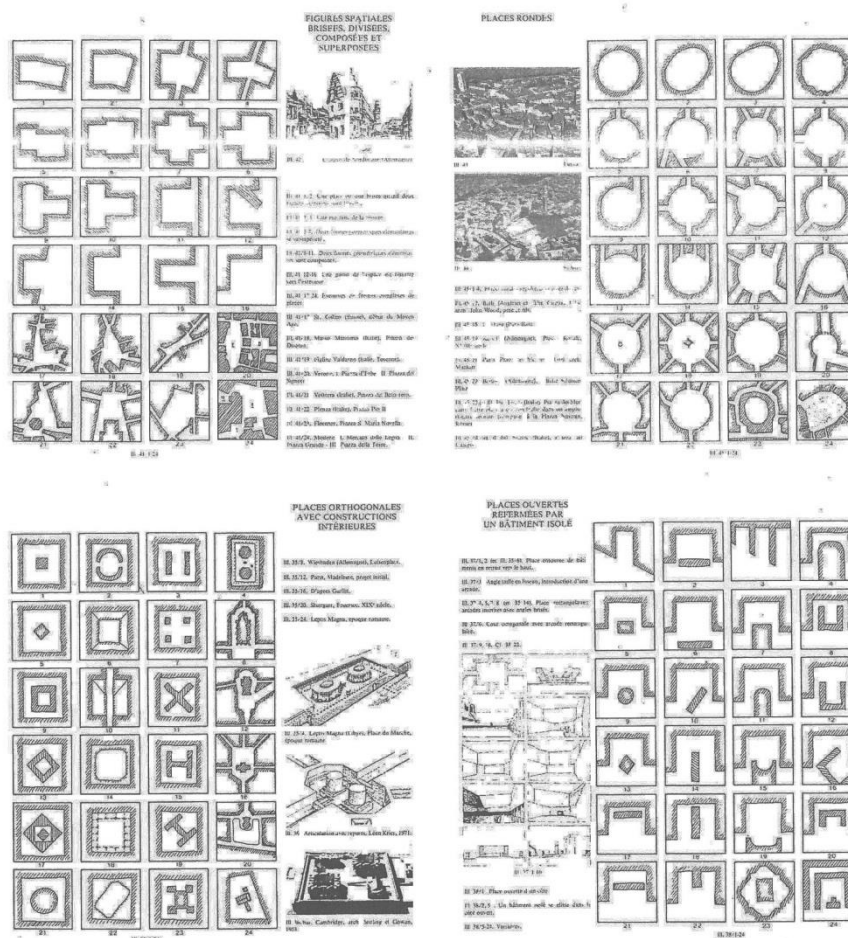


Figura 22: Diferentes formas de praças e largos elaborados por Robert Krier em *L' Espace de la Ville*.

Neste modelo também nos é apresentado diversas tipologias de praças com base em diferentes critérios. Para a definição destas formas foram considerados aspetos tais como figuras espaciais, quebradas, divididas, compostas e sobrepostas, tipologias de praças redondas, tipologias de praças ortogonais com elementos construídos no seu interior, praças abertas, fechadas e conectadas a um edifício isolado.

Se tivéssemos de escolher uma destas formas para caracterizar o Largo da Achada selecionaríamos um dos esquemas relativos ao quadro das praças redondas, mais precisamente o esquema 24º, no entanto esta tipologia de praça apresenta uma diferença em relação ao que se pode observar no Largo da Achada. Neste esquema as ruas complementares à praça estão a exercer uma posição perpendicular com a mesma o que não acontece no Largo da Achada. Segundo Camillo Sitte (Caro, Rivas, 1990, p.47) as ruas deveriam de acompanhar sempre a forma da praça conferindo-lhe uma espécie de segmento, ao que chamava de “efeito turbina”.

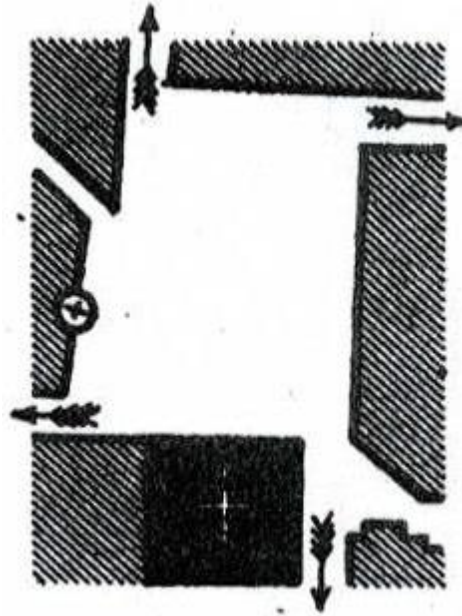


Figura 23: “Efeito turbina” Praça e ruas complementares.

Através deste conceito consegue-se criar um espaço sem grandes interrupções no seu contorno conferindo-lhe ao mesmo tempo um carácter unitário que deve ser perceptível de qualquer ponto em que nos encontremos dentro da praça ou do largo.

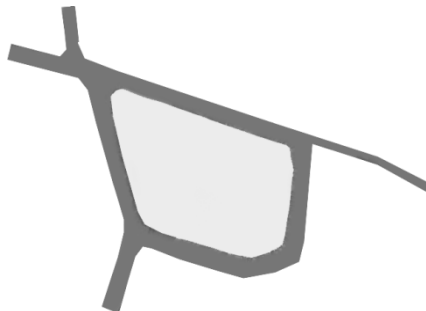


Figura 24: Forma do Largo da Achada e ruas complementares.

Este seria então o melhor conceito formal que caracterizaria o Largo da Achada. Ainda que a sua organização interior resulte num espaço fortemente compartimentado, a génese da sua forma primordial parece ter sido bem concebida.

Estas características devem de ser preservadas de modo que na proposta de requalificação que é sugerida para este espaço não são consideradas alterações no limite do largo.

Parte II – Proposta de Requalificação do Largo da Achada

2.1. Integração nos Serviços da Câmara Municipal de Santa Cruz

Como já foi referido anteriormente este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Estágio realizado na Câmara Municipal de Santa Cruz através da necessidade de requalificar o espaço que é o Largo da Achada, mais precisamente localizado na freguesia da Camacha.

Antes de se iniciar o estágio foi estabelecido contato com a Câmara Municipal de Santa Cruz, mais precisamente com a Vereadora Eng.^a Maria Alexandra Magalhães Gaspar Menezes, onde ficou acordado o trabalho que viria a ser realizado mais tarde nesta instituição.

Uma vez estipulado o tema do projeto, ainda antes começar o estágio e mesmo o plano de estágio houve a oportunidade de consagrar uma reunião junto à área de intervenção com o Eng. Gustavo Caires e com o funcionário da Câmara Armindo a fim de perceber as maiores debilidades do espaço e anotar alguns dados técnicos em relação ao estado das estruturas de rega e escoamento do Largo da Achada.

O estágio, na instituição teve a duração de quatro meses, dos quais os dois primeiros realizaram-se no departamento que albergava as secções de saneamento básico e Geografia e Cadastro, onde existiu a oportunidade de analisar o Programa de Desenvolvimento Rural para a Região Autónoma da Madeira e em que medidas este poderia conciliar-se com a Proposta de Requalificação para o Largo da Achada. Durante este período houve a oportunidade de realizar parte da caracterização cultural do Largo através de informação cedida pela Dr.^a Filipa Gomes e cartografia cedida pelo Arq. Duarte Nuno Gama Sousa. Do mesmo modo também foi realizada a caracterização biofísica do largo, através da cartografia disponibilizada pelo Dr. Richard, Dr. Filipe e pelo topógrafo Juan Abreu.

Ainda nesta fase estabeleceu-se contato com a Direção Regional do Ambiente, onde através da ajuda do Diretor de Serviços, Arquiteto Paisagista Paulo Gomes da Silva efetuou-se o levantamento das espécies vegetais existentes no Largo da Achada e na sua envolvente.

Os últimos dois meses de estágio foram operados na secção de Arquitetura e Urbanismo em conjunto com o Arquiteto Bruno Ferreira, onde foram desenvolvidos os desenhos da proposta de requalificação do Largo da Achada.

Ao longo de todo o estágio foram sendo desenvolvidas outras atividades como a participação em uma expedição com o topógrafo Duarte Gil, a Arq.^a Filipa Morna, o Arq. Bruno Ferreira e alguns funcionários da Câmara Municipal, para a realização do levantamento do património existente na Levada dos Tornos e a elaboração de um pequeno relatório sobre as medidas de apoio expressas no âmbito do programa de desenvolvimento rural da Região Autónoma da Madeira.

2.2. Enquadramento Geográfico e Legal do Largo da Achada

Após ter procedido aos estudos de caso onde se tentou perceber como algumas localidades definem os seus espaços de festa em função das festividades que lá ocorrem vamos passar ao enquadramento geográfico e legal do espaço que se pretende requalificar que está localizado na vila da Camacha, ($32^{\circ}40'46,30''\text{N}$ $16^{\circ}50'41,98''\text{O}$) inserida no concelho de Santa Cruz e encontra-se a 9,5 km do Funchal. O Largo da Achada ocupa uma área aproximada de 6900 m^2 .



Figura 25: Enquadramento Geográfico do Largo da Achada.

2.2.1. Plano Diretor Municipal de Santa Cruz – Condicionantes

Todo o Largo da Achada, bem como, o perímetro mais próximo envolvente a este, está inscrito na categoria de Espaços Antigos ou Históricos, de acordo com o regulamento do PDM de Santa Cruz, retificado pela resolução do Governo Regional da Madeira nº 607/2004 de 29 de abril, existem algumas implicações a respeitar obrigatoriamente numa futura proposta de intervenção/requalificação do Largo da Achada, tais como:

- Impedimento de construção de novos edifícios.
- A linguagem arquitetónica proposta deve respeitar a linguagem perímetro histórico em que se localiza a área de intervenção, que deve ser integrada no conjunto, nomeadamente quanto às proporções dos vãos e à relação entre os diversos elementos compositivos.
- A seleção dos materiais a utilizar, deve respeitar as cores e a textura do conjunto edificado em que se integram.

Estas normas justificam a importância de algumas análises de âmbito cultural que foram realizadas ao local, tais como a análise da evolução urbana e histórica, dos materiais existentes, vivos e inertes, dos vazios urbanos, de volumetrias e cromatismos, etc.

Pode-se observar que grande parte do centro da Camacha se integra na categoria de “Espaços Urbanos de Expansão e Colmatagem de baixa densidade”, chegando a existir delimitação de algumas áreas de menor extensão, referentes a espaços urbanos de expansão e colmatagem de média e alta densidade.

Do lado sudeste do Largo da Achada, mais precisamente em relação às áreas correspondentes à Capela de S. José, ao miradouro, à escola e ao centro de saúde, estas correspondem a Espaços de Proteção Paisagística.

No âmbito dos espaços verdes, verifica-se que a maior parte das áreas envolventes ao largo, viradas a Este e algumas a Sul, estão integradas nas categorias de Floresta Mista, Floresta Exótica, Matos, Prados Naturais e Espaços Agrícolas.

2.2.2. Plano Diretor Municipal de Santa Cruz – Carta de Ordenamento

O que se pode verificar quando se analisa a carta de ordenamento do PDM do concelho de Santa Cruz é que em relação à área da Camacha existem variações muito pequenas daquilo que está determinado na carta de condicionantes para aquilo que é proposto, excetuando-se a existência de um visível incremento de espaços referentes a Floresta mista e a um significativo aumento de áreas definidas como Espaços Urbanos em Meio Rural em zonas que eram definidas como Prados Naturais e Matos, na carta de condicionantes.

A conclusão para esta análise leva em consideração o evidente crescimento da freguesia da Camacha que se observou nos últimos anos e o crescimento que está previsto na proposta de ordenamento – é que a requalificação do Largo da Achada é uma ação importante na integração, no bem-estar e qualidade de vida da população, sendo que este espaço pode ser considerado determinante em termos de coesão social, pois é o ponto de convergência entre todas as atividades regionais locais, sejam elas relacionadas com o comércio, cultura ou religião.

2.3. Caracterização Biofísica

Esta análise visa a compreensão dos limites naturais que compreendem local de estudo, bem como a identificação de elementos condicionantes ou motivadores da prática das atividades integradas na futura proposta de intervenção.

Para a realização desta caracterização analisaram-se o modelo digital de terreno (MDT) gerado e trabalhado em ArcGis10®, a partir de cartografia de 2009, informação geográfica cedida à Camara Municipal de Santa Cruz pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT©).

É de fundamental importância entender a região climática em que o Largo da Achada se situa e conhecer algumas condicionantes tais como a integração na paisagem, a orientação de encostas, a topografia, brisas e ventos, a vegetação existente, etc.

É portanto imprescindível entender as características naturais do espaço de forma a desenvolver-se um projeto coerente, tendo em conta os diferentes microclimas, consoante a sua orientação, exposição e ventos.

Na análise do espaço exterior, é necessário ter conhecimento sobre a fisiografia do terreno onde o largo se insere, isto é perceber o relevo, os declives, as bacias

hidrográficas e a exposição e radiação solar de forma a prever a melhor localização para os usos e funções a propor.

2.3.1. Hipsometria e Declives

O Largo da Achada encontra-se aproximadamente a 680 m de altitude, estando o campo de futebol da Achada, situado junto ao Café Relógio à cota de 684m (Pereira, 1939, p. 103). O largo está assente numa superfície significativamente plana que é contornada por uma situação de encosta, com uma área de elevadas dimensões mais conhecida por “Sítio da Igreja”. Nesta zona as cotas variam entre os 400 e os 700m. A Sul, Sudoeste, Nordeste e Este, encontram-se as cotas mais baixas e a Norte, Noroeste e Oeste, encontram-se as mais altas.

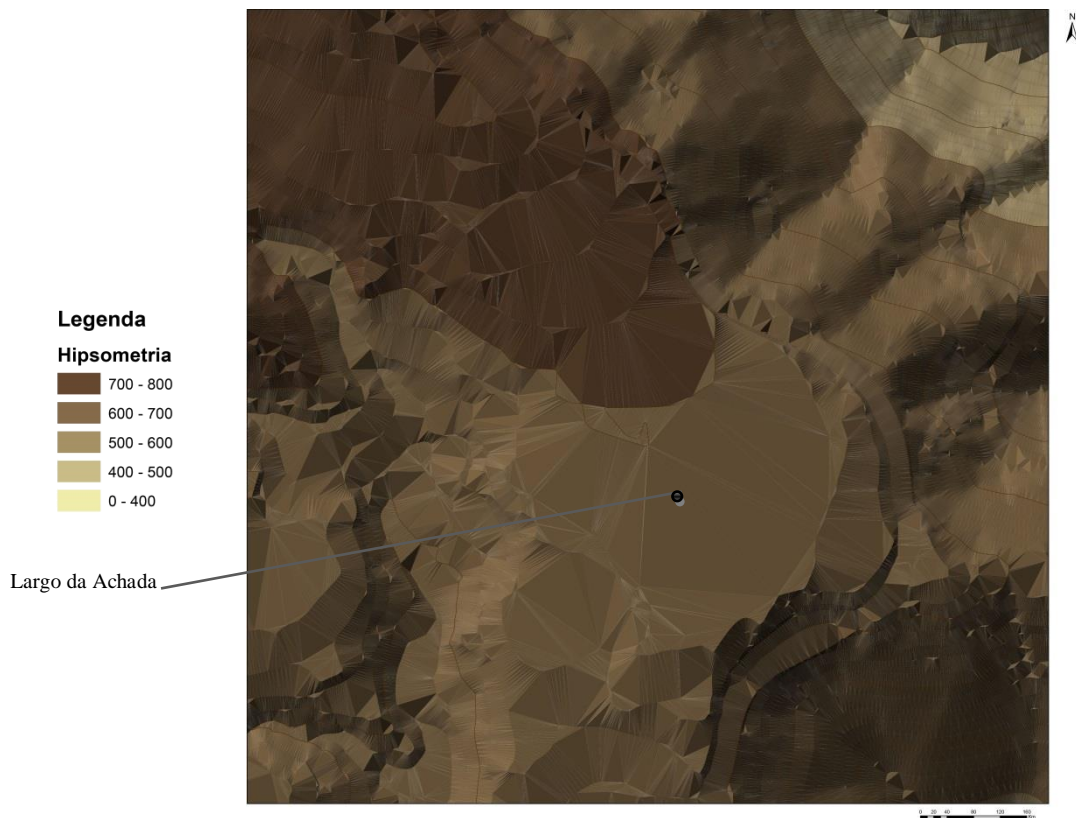


Figura 26: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Hipsometria. Carta realizada pelo autor através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).

Apesar da área envolvente ao largo rondar as cotas anteriormente referidas a cota máxima nesta freguesia chega a atingir os 1453m de altitude em zonas como o Pico das Abóboras (Silva e Menezes, 1965, vol. I, p.8).

A zona do Largo da Achada na Camacha distingue-se particularmente pelo seu relevo com uma percentagem de declive que variam entre os 0 - 7%, contrastando assim com a sua envolvente onde os mesmos chegam a atingir declives na ordem dos 90%. Nesta área verifica-se a maior concentração Urbana que encontrou neste local as condições mais propícias ao seu desenvolvimento.

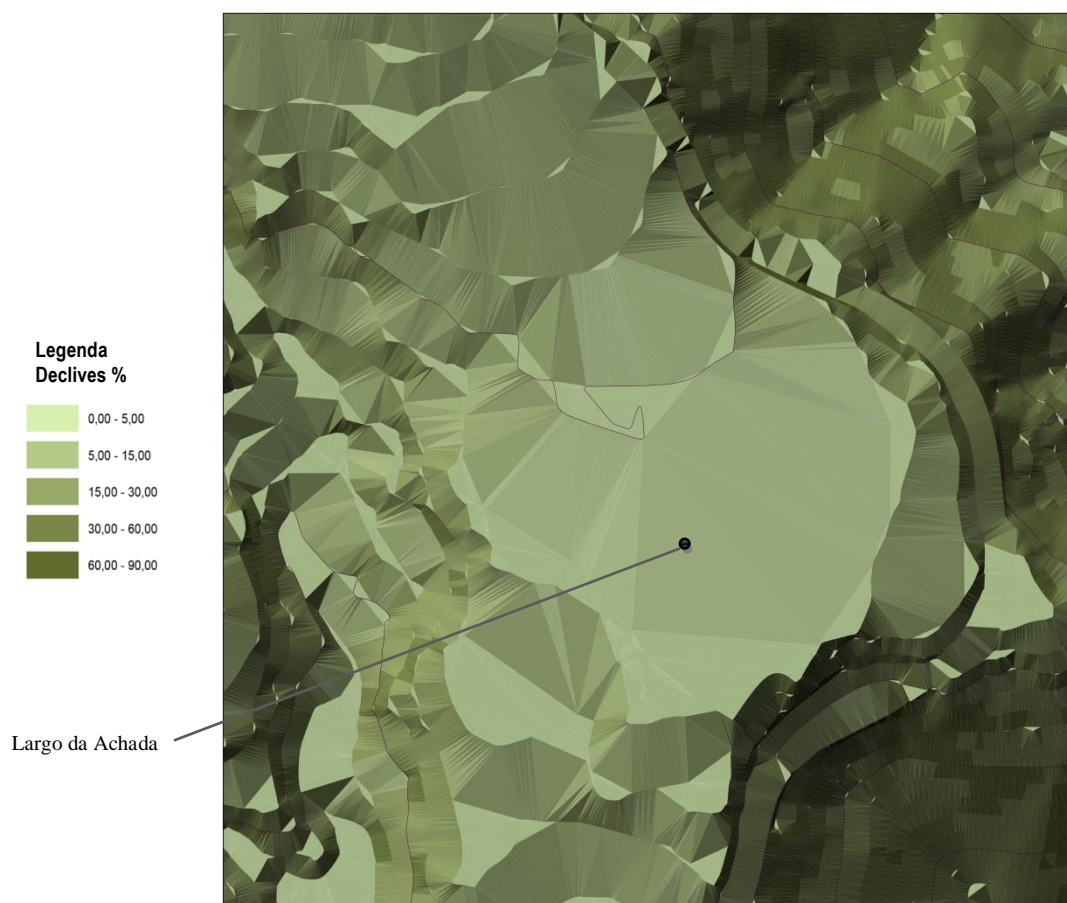


Figura: 27: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Declives. Carta realizada pelo autor através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).

A orografia a norte não confere grandes possibilidades agrícolas devido à sua elevada altitude e ao desnível pronunciado que apresenta, resultando deste facto o notável incremento da cultura e indústria dos vimes a partir dos finais do século XIX (Silva e Meneses, 1965, vol. I, p.380). No entanto vale apenas salientar para esta zona a existência de bons representantes da Laurissilva que estão em vias de extinção como o “Folhado e o Til”.

À medida que as cotas vão diminuindo e os declives tornam-se um pouco mais suaves no “Sítio da Igreja” e na vertente sul, é possível observar a exploração de algumas culturas hortícolas e a produção de algumas árvores de fruto, como as macieiras, as pereiras e as ameixeiras (Silva e Meneses, 1965, vol. I, p.378).

2.3.2. Fisiografia

Esta freguesia é atravessada e irrigada pela ribeira do Porto Novo e pelas levadas da Azenha e do Pico do Arvoredo que, embora tenham sido construídas para irrigar a freguesia do Caniço também abastecem a região da Camacha.

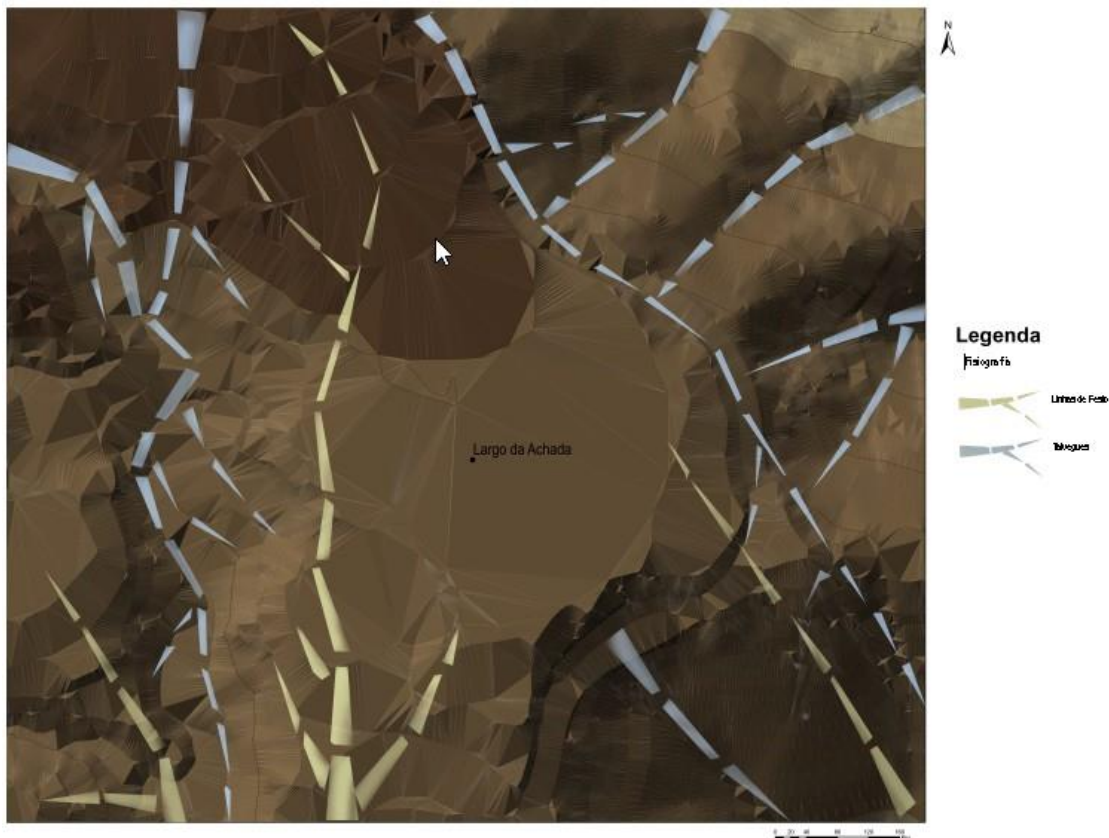


Figura: 28: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Fisiografia. Carta realizada pelo autor através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).

2.3.3. Orientação das Encostas

As orientações mais significativas em relação ao Largo da Achada verificam-se a Sul, Sudeste e Este. Estas proporcionam condições de clima ameno e temperado, conferindo a esta área características determinantes para a prática agrícola. No entanto existem alguns fatores climáticos externos como os ventos frios do norte, muitas vezes influenciados pelo anticiclone proveniente dos Açores, que ao encontrar as encostas a norte sobem e provocam condensação, o que torna este espaço num lugar bastante húmido durante a maior parte do ano.

A proposta do plano de vegetação bem como a localização de algumas estruturas propostas devem ser determinadas tendo em conta alguns fatores condicionantes conferidos pela orientação das encostas, ressaltando assim a importância desta análise.

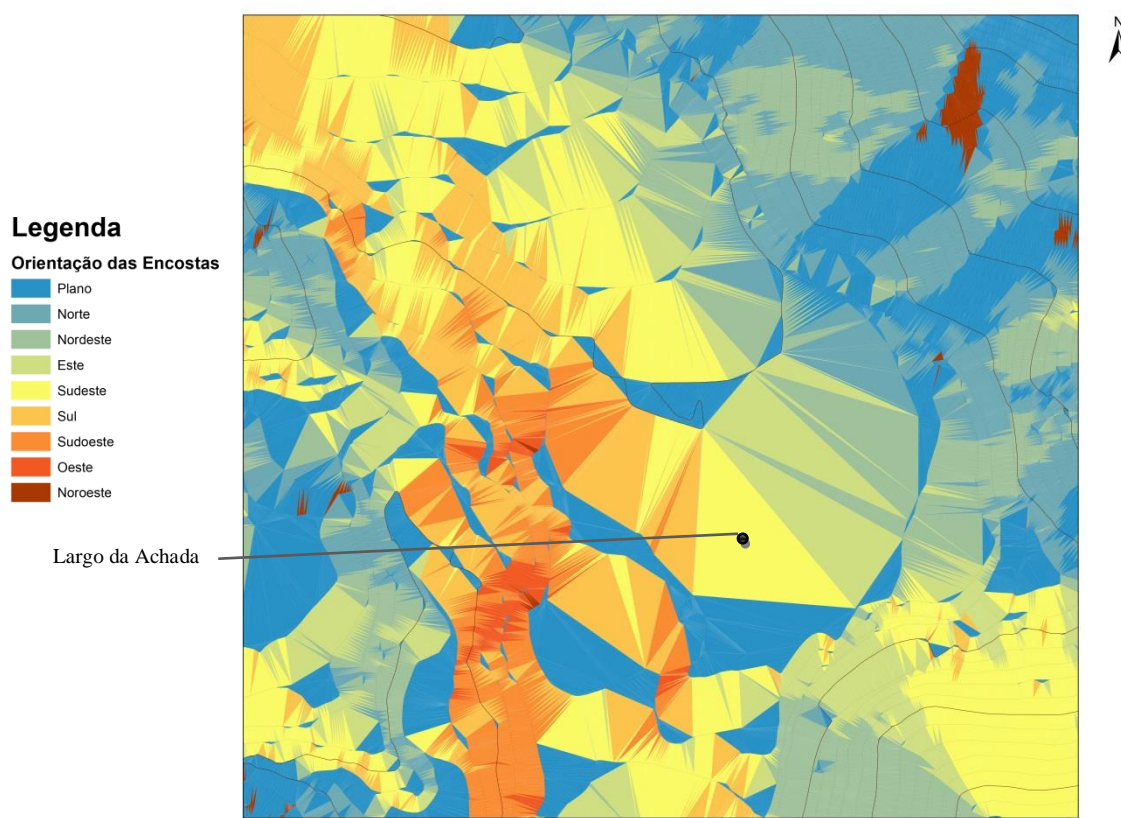


Figura 29: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Orientação de Encostas. Carta realizada pelo autor através de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).

Em relação à envolvente do largo pode-se verificar que existe uma grande variedade de exposições que são diretamente influenciadas pela irregularidade do relevo existente nesta área.



Figura 30: Camacha (Envolvente do Largo da Achada) – Modelo tridimensional gerado a partir de Informação cedida pela Direção Regional de Informação Geográfica e Ordenamento do Território (DRIGOT).

2.3.4. Solos e Vegetação

Em relação às zonas agrícolas da Madeira, mais precisamente no que diz respeito à área da Camacha envolvente ao Largo da Achada, esta corresponde mais ou menos a uma das quatro zonas botânicas em que a ilha é dividida, estando a área de estudo localizada na segunda zona que varia entre os 300 e os 750m de altura (Pereira, 1939, p.264).

Sobre o tipo de vegetação característica desta zona refere o autor que: “São espécies características da segunda zona, a vinha e os castanheiros, vendo-se porém, em muitas partes as mesmas plantas hortenses da zona inferior, assim como várias fruteiras que também ali existem, tais como a laranjeira, o pessegueiro, o damasqueiro, a nespereira, a noqueira, a figueira, a amoreira, etc. Os cereais, em especial o trigo, são abundantemente cultivados, principalmente nos terrenos não irrigados artificialmente (...). A cerejeira é cultivada nos vales húmidos e frescos da parte superior da segunda zona, vivendo às vezes associada ao loureiro, ao til e ao vinhático (Pereira, 1939, p.264).

Em Março de 2012, a partir de levantamento das espécies vegetais existentes no local do Largo da Achada elaborado pelo autor, foram definidos 3 agrupamentos:

Vegetação arbórea endémica: *Ilex canariensis* (Azevinho), *Juniperus cedrus* (Cedro da Madeira), *Picconia excelsa* (Pau Branco) e *Ocotea foetens* (Til).

Vegetação arbórea ornamental: *Araucaria heterophylla* (Araucária), *Cedrus libani* (Cedro do Líbano), *Juniperus glauca* (Pinheiro rasteiro Prateado), *Magnolia grandiflora* (Magnólia), *Prunus lusitânica* (Ginja), *Thea japonica* (Camélia), *Tilia platyphyllos* (Tília da Holanda), *Chamaecyparis lawsoniana* (Cedro Branco), *Cryptomeria japonica* (Criptomeria), *Fagus sylvatica* (Faia), *Picea abies* (Abeto Falso), *Pinus nigra* (Pinheiro Negro), *Pseudotsuga menziesii* (Pseudotsuga), *Schinus molle* (Pimenta Bastarda), *Sphaeropteris cooperi* (Feto Arbóreo).

Vegetação arbustiva ornamental: *Aloe vera* (Aloe), *Arbutus unedo* (Medronheiro), *Lampranthus multiradiatus* (Lamprantus), *Euonymus japonicus* (Barrete de Padre), *Crassula portulácea* (Crassula), *Ligularia tussilagínea* (Pata de Cavalo), *Gerbera jamsonii* (Genebra), *Euryops Chryzanthemoides* (Margarida Amarela), *Dimorphoteca sinuata* (Margarida Africana), *Zantedeschia aethiopica* (Jarro), *Agapanthus praecox* (Agapanthus), *Rhododendro indicum* (Azálea), *Yucca gloriosa* (Iuca).

Este levantamento foi levado em conta aquando da escolha das espécies vegetais a utilizar na requalificação deste espaço de modo a preservar as características da vegetação existente e a minimizar gastos com a sua manutenção como iremos ter a possibilidade de ver mais à frente.

2.4. Caracterização do Espaço Urbano e Cultural

Esta análise tem como objetivo mostrar como esta vila organiza os seus espaços tendo em conta as atividades que lá são praticadas sejam estas económicas, culturais ou religiosas que acontecem no quotidiano e durante algumas celebrações, e tentar perceber a maneira como estão organizados os espaços envolventes, de modo que fosse possível na nossa requalificação tentar tirar o melhor partido de tudo o que esta vila tem para oferecer.

No que se relaciona às vistas, a partir do largo, a sul é possível desfrutar de algumas panorâmicas sobre a baía do Caniço, freguesia também ela pertencente ao Município de Santa Cruz. Relativamente às restantes, encontram-se confinadas e são determinadas por alguns limites edificados, como A Casa do Povo, o Café Relógio e a Capela de São José e por outros como a vegetação arbórea existente no local.

No que diz respeito às volumetrias, os edifícios correspondentes à área envolvente do Largo da Achada não ultrapassam a marca dos três pisos, ganhando assim destaque os edifícios da Casa do Povo da Camacha, o Café Relógio e a sua torre, e a Capela de São José.



Figura 31: Volumetrias e Cromatismos I



Figura 32: Volumetrias e Cromatismos II



Figura 33: Volumetrias e Cromatismos III



Figura 34: Igreja Nova da Camacha



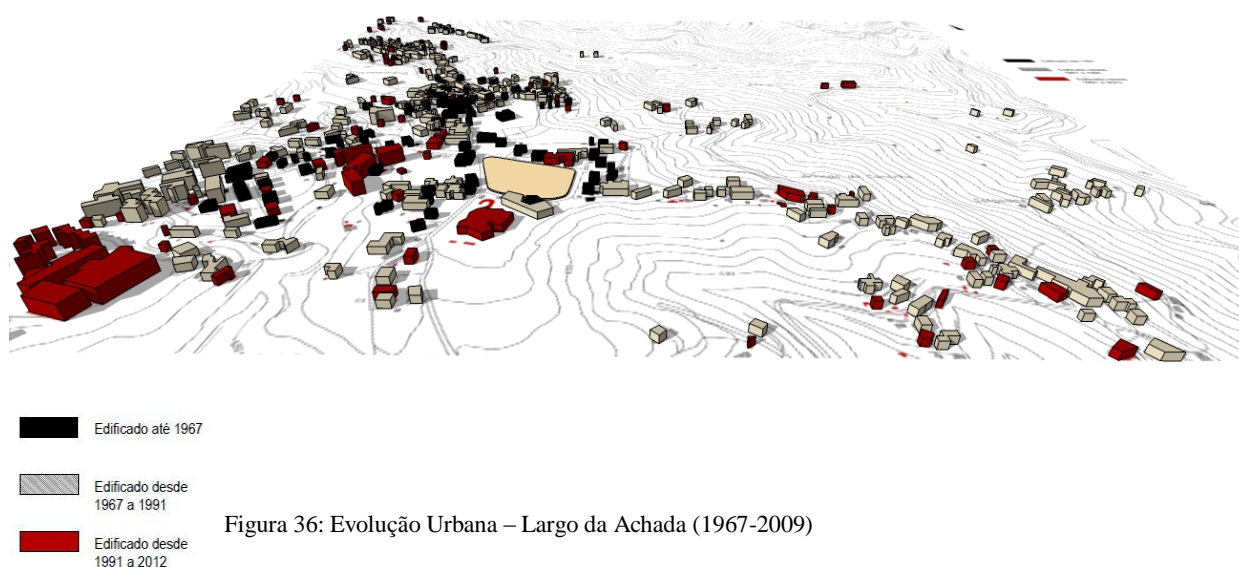
Figura 35: Igreja Matriz de São Lourenço

Da análise realizada ao local em termos de materiais inertes existentes observa-se que os materiais mais utilizados relativamente aos pavimentos no espaço público são o basalto, mais precisamente placas de basalto de forma irregular com áreas compreendidas entre 20 e 40cm², a tradicional calçada madeirense e pavimentos em betonilha. Deste modo foi tido em conta na requalificação do Largo da Achada estes aspetos, tentando manter os mesmos cromatismos no que diz respeito às estruturas que são propostas para que estas não resultassem de forma dissonante em relação à sua envolvente como será possível verificar na secção da proposta.

A Vila da Camacha tem cerca de 10.000 habitantes e pertence ao Concelho e Comarca de Santa Cruz (Pio, 1967, p.369). Por volta de 1882 “A planície da Achada, vulgarmente conhecida por Campo da Bola, era o local escolhido pelos estrangeiros para jogos desportivos que atraíam a atenção das vizinhanças”, (Sarmiento, 1953, p.31). Estas famílias estrangeiras introduziram o futebol inglês na Madeira, ficando assim a planície da Achada da Camacha conhecida como o sítio onde se jogou futebol pela primeira vez na Ilha (Pio, 1967, p.371).

A análise realizada em termos de evolução urbana é condicionada pela cartografia existente, tendo sido utilizadas cartografias de 1967, 1991 e 2009, para a análise do desenvolvimento da Vila da Camacha, que foram cedidas pela divisão de Geografia e Cadastro da Câmara Municipal de Santa Cruz. Este estudo pretende analisar o processo de formação e transformação histórica e toponímica da Vila da Camacha e mais precisamente, do “Sítio da Igreja”, onde esta inserido o Largo da Achada.

É possível, através da observação da sobreposição das diferentes cartas, entender que a urbe se fixou desde cedo na zona mais plana da Camacha e evoluiu seguidamente ao longo das principais vias de comunicação.



Até 1676 a freguesia da Camacha pertencia à paróquia do Caniço. Com a elevação desta zona a paróquia assumiu-se então que a Camacha foi criada nesta data (Silva e Meneses, 1965, vol. I, p.463).

A construção mais antiga registada nesta freguesia data do século XVIII, e é relativa à construção da primeira igreja matriz que foi concluída mais precisamente em 30 de setembro de 1783 (Silva e Meneses, 1965, vol. I, p. 376).

Mais tarde, já no século XIX, a 6 de abril de 1896, foi construída a torre e o relógio que tornaram esta freguesia tão conhecida, isto sem descorar outras valências que caracterizam tão bem esta região, tais como as quintas de veraneio a Igreja Matriz de São Lourenço entre outras. (Silva e Meneses, 1965, vol. I, p. 378).

No século XX, as intervenções com maior magnitude na Camacha foram a construção da Capela de São José em 1924, a construção das novas instalações da Casa do Povo da Camacha e a elevação da Camacha a Vila (Silva e Meneses, 1965, vol. I, p. 23). Mais recentemente, foi construída a Casa Etnográfica da Camacha.

A vila da Camacha e a sua envolvente integram um variado número de atividades como Indústria de obra de vimes, agricultura, agropecuária (aviários), carpintarias, fabrico de móveis, serração de madeira, serralharias civis, construção civil, panificação hotelaria, bio - fábrica de moscas, comércio geral e alguns serviços, o que torna este local num espaço muito movimentado.

É no entanto, a indústria de obra de vimes que constitui uma das principais atividades da Camacha, datando do século XX *“e tendo sido, motivada pela importação de cadeiras de cipó.”* (Pio, 1967, p. 370).

No que diz respeito às Festas e às Romarias, neste âmbito, o leque de atividades também pode ser considerado muito diversificado e não é possível deixar de referir que o local onde se desenvolvem a maioria destas festas é o Largo da Achada. Assim sendo podem identificar-se as principais atividades festivas como: a Festa do Espírito Santo (31 de Maio), a Festa do Santíssimo Sacramento (último domingo de Agosto), a Festa de São Lourenço (Agosto), o Festival de Arte Camachense, (Agosto), a Festa da Maçã, (Outubro), a Festa do Pão por Deus, (1 de Novembro) e a Festa do Imaculado Coração de Maria (2ª feira após o Santíssimo Sacramento) (Castro e Brazão, s.d., p.21). Entre estes eventos merece especial destaque, o Festival de Arte Camachense que, apesar de ser uma atividade que ainda não pode ser considerada tradicional, constitui um dos mais importantes eventos culturais da Vila (Pedras, 2006, p.15).

Ao nível do Património Cultural e Edificado, inventariado e classificado com a categoria de monumento é possível identificar-se a Igreja Matriz de São Lourenço como um exemplo de arquitetura religiosa barroca e neoclássica. Como exemplos de arquitetura civil estão inventariados o Posto de Consulta e Socorros da Camacha e a Quinta das Almas. Sem estarem inventariados, no entanto de valor acrescido pode-se dar referência à Capela de São José, à quinta Vale Paraíso e às quintas Grabham,

Taylor, Bean, Hinton, Francisco Nunes e a Torre do Café Relógio (monumentos.pt, consult. 2012-04-16).

Nesta freguesia o Largo da Achada que é precisamente a área alvo de intervenção, é considerado um ponto de referência caracterizado pela sua relativa extensão absolutamente plana, que contrasta com a região envolvente, montanhosa e de relevo muito acidentado.

É neste perímetro que se encontra a famosa torre com o seu relógio conhecida por Café-Relógio, que hoje integra um Centro Tradicional de Obras de Vime e estabelece a divulgação e venda de outros produtos artesanais da região.



Figura 37: Antiga Torre do atual Café Relógio

Podem-se referir outros locais de interesse turístico como algumas trilhas e percursos pedonais designados por “levadas” como as Levadas da Serra do Faial, a Levada dos Tornos, Miradouro junto à Capela de São José, Rochão, Ribeirinha, Nogueira e Salgados entre outros.

A Casa do Povo da Camacha situada na vertente norte do Largo da Achada integra vários grupos folclóricos, musicais e desportivos.

A importância que é dada ao Largo da Achada é evidenciada uma vez que se pode verificar a localização estratégica de determinados equipamentos e serviços à sua volta,

tais como a Casa do Povo da Camacha, o Café Relógio, a Capela de São José, o Centro de Saúde o Banco e a escola entre outros já referidos anteriormente.

É interessante destacar o posicionamento da Casa do Povo da Camacha neste lugar. Esta casa alberga um variado número de associações importantes ligadas a aspetos culturais e tradicionais como o folclore e as atividades artísticas e desportivas, que contribuem para o desenvolvimento local. A Casa do Povo da Camacha é um dos grupos de ação local (GAL) representados pela Associação de Casas do Povo da Região Autónoma da Madeira (ACAPORAMA) e que visam explorar e incrementar o desenvolvimento cultural regional. (Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais, 2011). Desta forma não seria de resvalar as características e as potencialidades intrínsecas do Largo da Achada que permitem dinamizar e trazer movimento à vila da Camacha.

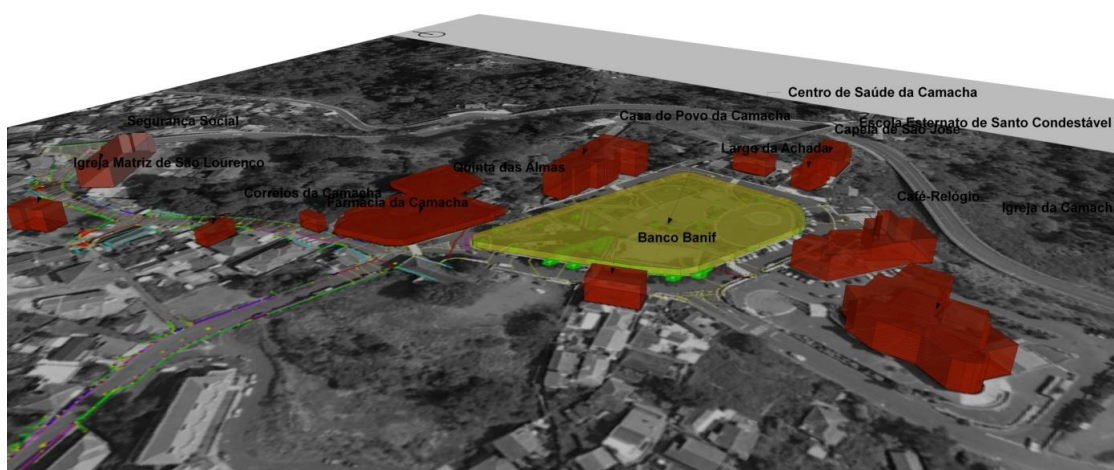


Figura 38: Principais Equipamentos e Serviços localizados na área envolvente ao Largo da Achada.

2.5. Análise SWOT – Largo da Achada

A partir da caracterização efetuada ao “Sítio da Igreja”, local onde se encontra o Largo da Achada, realizou-se uma análise SWOT, a fim de sintetizar a informação mais relevante e com maior influência numa futura proposta de intervenção para este espaço. Sendo que pode verificar-se o seguinte:

O local onde se encontra o Largo da Achada possui características indispensáveis para o desenvolvimento da região da Camacha. Este espaço está dotado de potencialidades tais como, centralidade, elevada atração turística e qualidade ambiental, e um vasto leque de atividades culturais que fazem parte de um programa consolidado nas estruturas integrantes do largo. No entanto, existem algumas lacunas, como o facto de o largo constituir um espaço muito fragmentado e não existir uma leitura contínua do lugar.

É possível evidenciar algumas intervenções negativas que foram efetuadas no espaço envolvente ao largo, tais como a ampliação do edifício do Café-relógio. Esta intervenção verificou-se demasiado competitiva para com o resto dos elementos patrimoniais e não só, reduziu a imponência que a torre e o relógio tinham neste local, como também retirou quase toda a vista panorâmica que era visível a partir do largo, resultando numa enorme descaracterização deste lugar.

O facto de não existir manutenção de alguns elementos arquitetónicos como a Quinta das Almas acaba por eliminar o que poderiam ser considerados outros pontos de atração fortemente compatíveis com os motivos pelos quais o Largo da Achada é tão frequentado.

O largo é completamente contornado por vias de comunicação o que torna este espaço num lugar contido. Esta circunstância por si só já é negativa e se for acrescentado o facto de quase todo estacionamento se efetuar à volta deste, o espaço converte-se num lugar ainda mais caótico, principalmente em períodos de maior movimentação, como as festas e horas de ponta.

É necessário propor uma reestruturação do Largo da Achada que seja capaz de resolver e amenizar alguns dos problemas referidos anteriormente, através de opções e materiais resistentes que não potencializem ações de vandalismo e ao mesmo tempo não desvalorizem o lugar.

Ao realizar esta análise é possível rapidamente entender que os fatores externos positivos prevalecem sobre os negativos, não só em quantidade, como na relevância que

têm, no que compete a uma diversificação da economia local e das atividades culturais. Existe a oportunidade assim, de dinamizar fortemente este espaço através de uma requalificação em que a materialização do seu programa esteja adequada, tão bem às atividades culturais, como as festividades que são características deste lugar, como à vivência dos utilizadores durante o seu quotidiano.

Tabela 1: Análise SWOT – Largo da Achada – Apuramento das aptidões do largo.

Strength (Pontos Fortes)	Weakness (Pontos Fracos)	Opportunity (Oportunidades)	Threat (Ameaças)
<ul style="list-style-type: none"> - Centralidade; - Local de atração turística; - Qualidade Ambiental; - Presença de várias valências no espaço público tais como um polidesportivo e um parque infantil; - Existência de um vasto leque de atividades festivas; - Utilização frequente por parte da população residente e turista; - Forte exposição solar, incidente no largo durante os meses mais quentes; - Crescimento populacional nos últimos anos, o que pode significar um aumento significativo de utilizadores; 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço fragmentado; - Degradação de Equipamentos e Pavimentos; - Falta de sombreamento em determinadas áreas extensas do largo; - Existência de espaços abandonados à volta do largo tais como a Quinta das Almas; - Ampliação de determinados edifícios, que resulta normalmente na descaracterização do local; 	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de um programa consolidado; - Criação de uniformidade e legibilidade; - Promoção de novas atividades relacionadas com o comércio e a divulgação de produtos locais, nomeadamente agrícolas e artesanais; - Permitir uma melhor gestão do espaço; - Adequar este espaço às atividades festivas, sem interferir com as valências do quotidiano; - Incremento dos espaços verdes e da superfície permeável; - Criação de um modelo típico de “barraquinha” para os arraiais; - Renovação dos pavimentos e requalificação do mobiliário urbano; 	<ul style="list-style-type: none"> - Má utilização do espaço público por parte de alguns residentes; - Forte humidade e temperaturas muito baixas durante o Inverno; - Abandono das áreas rurais; - Urbanização em áreas de proteção paisagística e florestal que potencializam a destruição da paisagem cultural e a adulteração de algumas vistas panorâmicas;

2.6. Proposta de Intervenção

A proposta de intervenção para o Largo da Achada, tem em consideração a análise qualitativa dos espaços urbanos de festa e toda a caracterização efetuada anteriormente, e dá orientações para o desenvolvimento do projeto de execução. Deste modo, o estudo da proposta trata-se não de uma abordagem teorizada, mas de uma abordagem projetual e lógica com vista à consolidação e desenvolvimento de novos métodos e técnicas de trabalho.

A definição de objetivos da proposta de intervenção pautou-se pelo seguimento das orientações resultantes de uma análise SWOT (strength, weakness, opportunity, threats), produzida a partir da caracterização realizada anteriormente sobre espaço do Largo da Achada. Como tal, consideraram-se as seguintes metas:

- Desenvolvimento de peças desenhadas que traduzam a transformação no espaço do Largo da Achada;
- Fundamentação escrita e gráfica, escrutinada, de toda essa transformação;

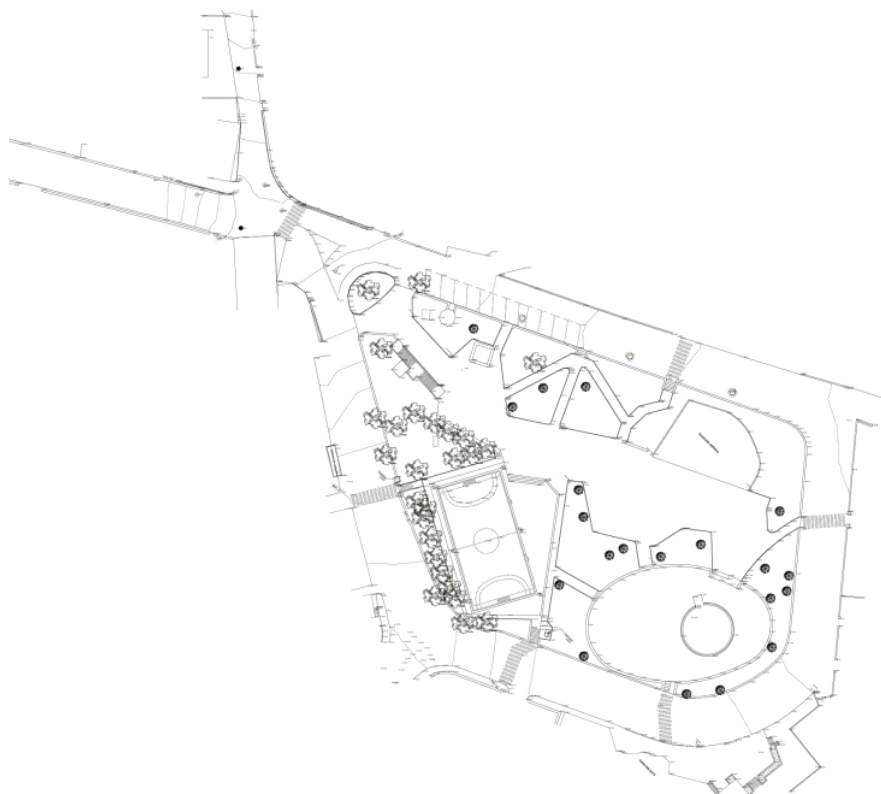


Figura 39: Levantamento Topográfico do Largo da Achada na Camacha (Madeira)

2.6.1. Conceito e Estratégia de Intervenção

O conceito de intervenção para esta área do Largo da Achada consiste em transformar todo este espaço numa espécie de palco sobre-elevado onde se desenvolve a própria festa. Este lugar insere-se na categoria de espaços de festa consolidados. Deste modo a estratégia conceptual aplicada à intervenção, materializa-se na criação de uma ilusão de que o espaço é todo ele uma plataforma a suspensão, onde se desenvolvem todas as atividades locais associadas tanto às festividades como ao lazer. Para responder às exigências destas atividades é necessário o espaço estar preparado para integrar as estruturas efémeras características das festividades, e estar planeado ao mesmo tempo de modo a satisfazer as necessidades diárias da população.

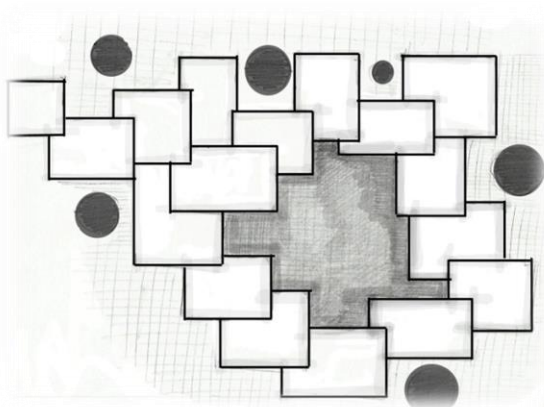


Figura 40: Representação do Conceito Abstrato I

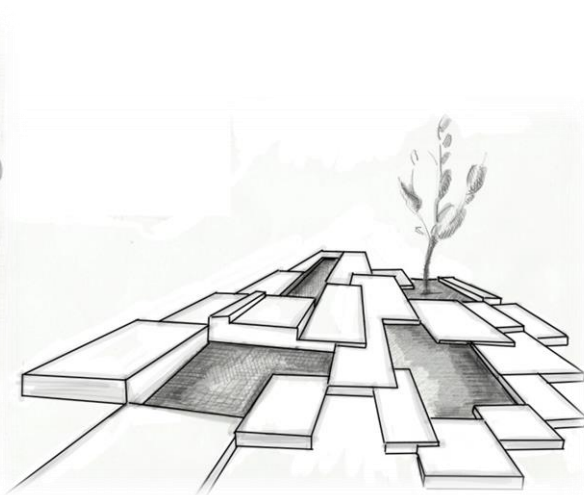


Figura 41: Representação do Conceito Abstrato II

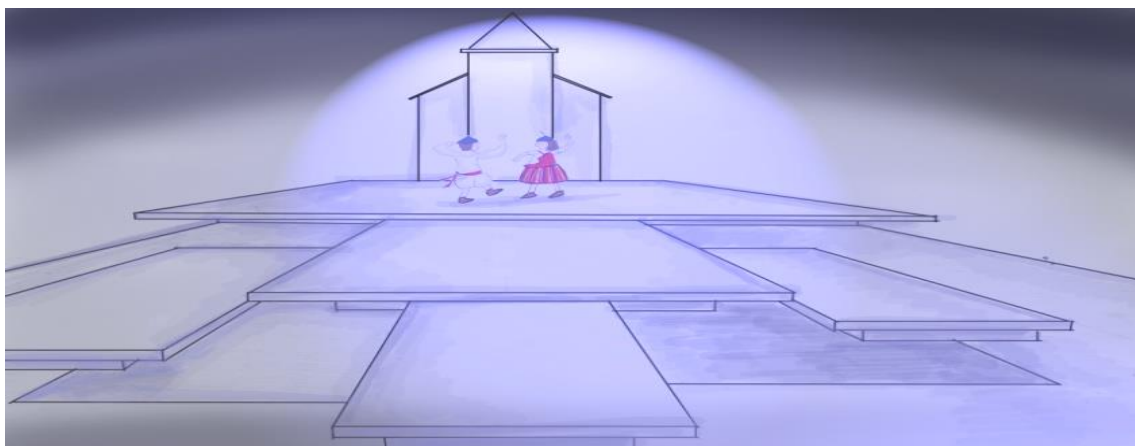


Figura 42: Representação do Conceito Abstrato III

Toda a linguagem formal segue a linha de pensamento do conceito de intervenção, conseguida pela proeminência da integração de estruturas efémeras ligadas às festas tais como as barraquinhas e as decorações.

Nesta intervenção, não é descurada a preponderância da função dos espaços verdes preexistentes, pelo que o seu estudo de projeto é crucial. Através da realização desta proposta o Largo da Achada perde a atual configuração fragmentada, passando a estratégia de intervenção pela criação de um espaço mais conectado, de recorte simples, beneficiando assim da ampliação do aproveitamento espacial e de um melhoramento estético.

Todo o espaço é desenhado prevendo condições de abastecimento elétrico ao nível do solo, em que as tomadas de eletricidade devem encontrar-se integradas nos lancis de betão que delimitam quase toda a área e devem ser suficientes para abastecer as estruturas das barraquinhas de apoio às festas e aos arraiais.



Figura 43: Planta do Largo da Achada - Cruzamento entre a proposta e o existente.

É proposto ainda para o espaço onde se encontra o Largo da Achada a construção de um passeio que vai desde o largo até a antiga Igreja Matriz bem como a requalificação do pequeno largo a que lhe é subjacente de modo a facilitar as atividades dos utilizadores durante o quotidiano e a proporcionar um melhor sentido estético a este espaço por onde atravessam também algumas procissões.

2.6.2. Programa

O programa proposto para o Largo da Achada, é bastante ambicioso, na medida em que já existe um leque de atividades bem consolidado e uma serie de estruturas que caracterizam este espaço e que são muito valorizadas pela população local. Deste modo o programa definido tenta salvaguardar todas estas valências que o largo já possui sem o transformar num espaço conflituoso e cheio de obstáculos.



Figura 44: Plano Geral da proposta do Largo da Achada

Programa:

- **Bar/esplanada e casas de banho:** Neste local já existia anteriormente uma espécie de quiosque em elevado estado de degradação. É então proposta a construção de uma nova estrutura capaz de responder às necessidades dos utentes que frequentam este lugar. Já existiam também algumas casas de banho, no entanto estas encontravam-se ao nível do subsolo e não cumpriam as normas da acessibilidade previstas no decreto de lei 163/2006. Deste modo são propostas novas instalações sanitárias junto ao bar e o espaço onde eram as antigas casas de banho passa a dedicar-se ao armazenamento de equipamentos de manutenção dos jardins do Largo da Achada.
- **Largo Conselheiro Aires de Ornelas:** Um espaço de destaque para a integração do busto já existente no largo dedicado a esta ilustre personagem. Este espaço deve estar também preparado para integrar algumas barraquinhas na altura das festas.
- **A Praça central:** é o espaço de maior amplitude e com maior capacidade de carga que está preparado para satisfazer as ocasiões das festas e outras atividades que envolvam um grande número de utilizadores bem como a integração das barraquinhas para os arraiais. Este espaço deve integrar os elementos já existentes no largo em alegoria à importância que o futebol teve e tem neste lugar. Este espaço integra ainda um conjunto de árvores que se distinguem pela sua coloração foliar de cor vermelha e está fortemente conectado com o anfiteatro e com o campo de futebol que deverá ser também considerado o palco das festividades e dos espetáculos que se realizam neste local.

Através deste tipo de organização e articulação entre as distintas áreas do largo é possível celebrarem-se todos os eventos festivos previstos no calendário desta freguesia num espaço onde existem condições para estas se desenvolverem. O Largo da Achada transforma-se assim num espaço onde o comércio, a festa e o lazer têm o seu lugar e responde às suas necessidades.

- **Parque infantil:** Esta estrutura também já existia neste local e encontra-se relativamente bem conservada, no entanto é proposto a sua realocação junto à área do bar/esplanada onde os encarregados de educação podem estar a descansar enquanto as crianças brincam.
- **Anfiteatro/Polidesportivo:** Esta área é dedicada não só às atividades desportivas como também deve satisfazer as ocasiões das festas, em que o próprio polidesportivo deve servir de palco para concertos, peças de teatro entre outras atividades, sejam elas de caráter recreativo, lúdico ou social. A requalificação deste espaço é de grande relevância uma vez que acredita-se ter sido o local onde se jogou futebol pela primeira vez em Portugal.
- **Clareiras:** Estas áreas devem ser locais de refúgio com bancadas que permitam o descanso e outras atividades mais simples tais como ouvir música, conversar ou ler um livro durante o quotidiano.

2.7. Projeto de Execução

2.7.1. Altimetria e Plano de Drenagem de Águas Pluviais e Residuais

O plano de drenagem proposto para o Largo da Achada pode ser visualizado no interior do arquivo intitulado de “Peças Desenhadas”.

O largo é todo ele relativamente plano e o escoamento das águas superficiais divide-se em dois sectores planos intercalados pela grande praça em que a drenagem é realizada através da integração de uma grelha de sumidouro no centro com 2 metros de comprimento e 3 cm de largura, e pelas restantes áreas pavimentadas que para além de constituírem o pavimento de resina epoxy Aqustone 100% drenante têm as suas pendentes inclinadas para as áreas plantadas assegurando desta forma uma drenagem eficaz.

De modo a determinar-se os caudais de drenagem incidentes sobre a área do Largo da Achada, recorreu-se ao regulamento geral dos sistemas públicos e prediais de distribuição de água e drenagem de águas residuais presente no decreto de lei nº194 – 23-08-1995.

Deste modo aplicando as fórmulas presentes em anexo, à área do Largo da Achada denominada como praça principal que tem uma área de 2000 m² obtém-se um caudal de 27,98 l/s para um período de retorno de cinco anos, uma duração de cinco minutos e utilizando uma constante de 0,40 uma vez que o pavimento utilizado é considerado semi-compacto devido à sua natureza e grau de permeabilidade.

Como já foi referido anteriormente propõe-se a integração de um sumidouro no centro desta área denominada como praça principal para o escoamento das águas pluviais e residuais com uma cota de superfície de 690,60 que deve ser direcionada para uma caixa de visita pré-existente localizada em frente ao Café-Relógio e que tem uma cota de soleira de 695,57.

A distância entre o sumidouro e esta caixa é de 54,8m. Utilizando a fórmula de Manning-Strickler, pode-se constatar que este dimensionamento responde às exigências verificadas através dos cálculos anteriormente realizados (27,98l/s), uma vez que é possível cumprir o escoamento, a meia secção, relativo a um caudal de 62l/s.

Em relação às restantes áreas do Largo da Achada, dadas as suas reduzidas dimensões e características permeáveis do pavimento que é proposto, não se justifica a integração de mais elementos de drenagem uma vez que as suas pendentes estão a direcionar o escoamento das águas pluviais para as áreas plantadas circundantes ao Largo. Salvaguarda-se o acesso a pessoas de mobilidade reduzida ao espaço através de uma rampa localizada na vertente norte do largo.

Foram utilizados espelhos de 14 cm em todas as escadas de acesso ao largo.

2.7.2. Plano de Vegetação e Sementeiras

O Plano de Vegetação e de Sementeiras proposto para o Largo da Achada pode ser visualizado no interior do arquivo intitulado de “Peças Desenhadas”.

A proposta da vegetação teve em atenção a análise biofísica realizada para o Largo da Achada. Não existiu a intenção de incorporar novas espécies, uma vez que já se distinguem no espaço um variado número de espécimes, expressivos da ecologia e flora característica e identitária não só da Camacha como de toda a ilha da Madeira tais como a *Ocotea foetens* (Til) *Juniperus cedrus* (Cedro da Madeira), *Picconia excelsa* (Pau branco), *Prunus lusitânica* (ginja), *Tilia platyphyllos* (Tilia) e a *Thea japonica* (Camélia), entre outras.

Propõe-se o incremento da espécie *Ocotea foetens* (Til), que é uma espécie endémica, nas áreas onde se pretende ter maior aglomeração de vegetação e a integração de apenas uma nova espécie no Largo da Achada, a *Pistacia chinensis*, caracterizada pela sua copa de coloração vermelha, esta espécie surge no projeto com o intento de dar realce à praça principal onde se realizam as festas, dando especial contraste a este espaço em relação aos restantes e aos seus elementos vegetais.

Toda a distribuição das espécies arbóreas que são propostas, sejam as transplantadas ou os novos elementos arbóreos, teve em conta critérios fornecidos através da análise biofísica realizada anteriormente, tais como os locais que se verificam mais expostos ao sol e necessitam de maior sombreamento nos meses mais quentes e a definição das espécies que se pretendem utilizar.

Quanto à vegetação arbustiva, uma vez mais optou-se pela utilização de espécies existentes e a um relativo aumento destas. Esta variedade biológica é bastante valorizada na proposta para o largo, no entanto recorreu-se ao reagrupamento destas espécies em sete grupos oferecendo assim ao espaço um caráter mais ordenado e permitindo uma melhor perceção das características peculiares destes elementos vegetais.

2.7.3. Plano de Rega

O plano de rega proposto para o Largo da Achada pode ser visualizado no arquivo referente às “Peças Desenhadas”.

Relativamente a este plano são propostos o sistema gota a gota e o sistema de rega radicular em que o sistema gota a gota deve abastecer todo o perímetro do largo relativamente às áreas plantadas e o sistema de rega radicular deve apenas satisfazer as necessidades das árvores propostas para a praça central uma vez que deveram ser espécies relativamente jovens e em fase de adaptação.

O gotejamento é o processo que melhor corresponde às necessidades e condições destas áreas plantadas, pelo que se optou pelo recurso à tubagem gota-a-gota, $\varnothing 16\text{mm}$, 2,3 l/h, 1,5 bar, com gotejadores autocompensantes incorporados de 0,40m em 0,40m, disposta em linhas afastadas de 0,40m (série Dripline Rain Bird).

O dimensionamento pautou-se pelo traçado de tubos de PEAD $\varnothing 79\text{mm}$ desde a tomada de água da rede pública até a primeira tomada da água relativa à rega do Largo da Achada em que foi necessária a integração de uma válvula redutora de pressão de modo a diminuir a elevada pressão de 76,59bar para 40,00bar, pois esta implicaria um maior custo no que diz respeito ao selecionamento das tubagens subjacentes. Esta elevada pressão de rede pública que se verifica no Largo da Achada é justificada pela localização do reservatório da Achada que encontra-se à cota de 776,30m, verificando-se um desnível de 76,30 m em relação ao largo.

De modo a evitarem-se perdas de carga foi desenhado um circuito fechado à volta do largo que é ligado à rede pública através da tubagem anteriormente referida.

A rede de rega proposta é composta por cinco sectores em que foram aplicadas tubagens PEADD, $\varnothing 55,40\text{mm}$, DN63, $\varnothing 44,00\text{mm}$, DN50, $\varnothing 35,20\text{mm}$, DN40 e PEBD, $\varnothing 20,40\text{mm}$, DN25.

Para realizar os cálculos de rega para o Largo da Achada foram assumidos os seguintes valores para a rede pública de abastecimento de água: caudal – 6,86 LPS e 76,59 bar.

2.7.4. Planta de Pavimentos

O Plano de Pavimentos proposto para o Largo da Achada pode ser visualizado com maior rigor no arquivo, “Peças Desenhadas”.

A escolha de pavimentos foi criteriosa, salientando-se o pavimento drenante resina Aquastone gerado a partir da britagem de pavimentos existentes no local como as lajetas de basalto, aplicado *in situ* no Largo da Achada. A escolha deste pavimento permeável ao ar e água é 100% drenante e permite uma mais eficiente utilização do espaço sem recorrer-se à impermeabilização do solo. Em relação aos restantes pavimentos propostos para o largo foi escolhido o pavimento amortecedor EPDM já existente no local para o parque infantil. Finalmente, para o campo polidesportivo o pavimento proposto foi o modelo PATMOS, módulos de 25x25cm em polipropileno de alto impacto (formula própria) da Sports Partner.

As juntas de dilatação usadas para a aplicação do pavimento da Aquastone deveram ser aproveitadas para integrar os elementos de drenagem pré-fabricados de betão com grelha em chapa galvanizada.



Figura 46: Diagrama de Layers – Elementos inertes e vegetais.

2.7.5. Mobiliário Urbano e Elementos Construídos

Propõe-se o betão para a construção de escadarias e bancadas devido à sua elevada resistência fácil modelação e reduzidos custos de construção.

As bancadas devem ser pré-fabricadas em betão e devem integrar um sistema de iluminação em que a luz é refletida por uma chapa em aço corten. Para além das bancadas é proposta a construção de um modelo específico de barraquinhas desmontáveis. Quanto às papeleiras, o modelo proposto é a papeleira Prima Linea da empresa Almoverde Ecologia, cor preta, com capacidade para 30L. O Largo da Achada deve integrar papeleiras com distâncias compreendidas no mínimo de 15 em 15 metros.



Figura 47: Perspetiva da Proposta do Largo da Achada em ambiente de festa I.

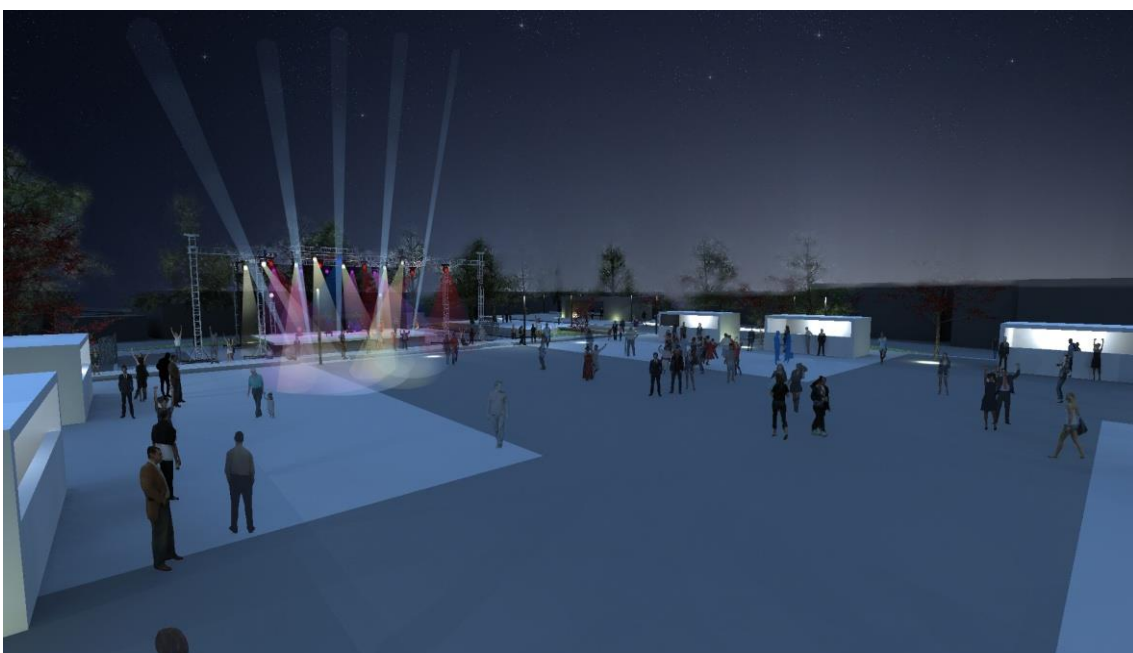


Figura 48: Perspetiva da Proposta do Largo da Achada em ambiente de festa II.

CONCLUSÕES

No início deste trabalho foram definidas algumas questões importantes que podem ser agora recordadas e que eram as seguintes:

Qual a importância destes espaços, a razão, a necessidade da Festa e como construir ou requalificar espaços que têm a sua origem na própria festa, de modo a que no quotidiano continuem a fazer sentido e respondam às necessidades da sua população?

Serão as festividades e as celebrações que se ocupam dos espaços, ou os espaços é que são construídos premeditadamente de modo a albergar estas atividades?

Será a preservação das festas religiosas e culturais e a requalificação dos espaços onde estas ocorrem uma solução para garantir uma identidade coletiva às gerações vindouras de modo a combater o desinteresse pelo meio onde vivem ao mesmo tempo mantendo viva a chama que ilumina a tradição?

Como construir ou requalificar espaços que têm origem num determinado evento, de modo a que no quotidiano continuem a responder às necessidades da sua população?

São questões relevantes e às quais se tentou dar respostas não só com o desenvolvimento da dissertação, mas também com as conclusões que se puderam observar quando se concluiu o trabalho.

Portanto, com o decorrer de todo o trabalho realizado foi sempre possível reconhecer a importância, a razão e a relevância da Festa como carácter identitário, isto é, a necessidade de integrar uma identidade coletiva, que permite a um determinado grupo diferentes formas de socializar, bem como adquirir o sentimento de pertença a um determinado lugar. Isto foi visível tanto nos estudos de caso que foram efetuados como durante a pesquisa bibliográfica.

Pode-se concluir que existe uma maneira eficaz destes espaços estarem realmente preparados para responder às necessidades dos seus utilizadores durante as festividades e durante o seu quotidiano, projetando-os sem demasiados obstáculos e preparados permanentemente para receber as estruturas efémeras características das diferentes celebrações. Através da abordagem realizada aos estudos de caso é possível perceber

que muitos dos espaços foram desenhados para responder às exigências das atividades festivas, da mesma maneira que existem alguns exemplos flagrantes de espaços que já existiam e as festas apoderaram-se deles, portanto não é possível determinar no geral se foram os espaços que deram origem a determinadas festas ou o contrário.

No que diz respeito ao Largo da Achada pode-se verificar que este espaço foi nitidamente construído de raiz de modo a receber as atividades festivas. Através dos estudos de caso apercebemo-nos que as exigências da festa levam muitas vezes à construção de novas estruturas. No caso de Gaula foi construído um pequeno anfiteatro para satisfazer as exigências de algumas atividades religiosas e culturais associadas à festa da Nossa Senhora da Luz e à atuação de grupos folclóricos locais; nas festas do Espírito Santo no Açores, durante muitos anos eram construídas estruturas efémeras de culto ao Divino; e na Aldeia da Luz a praça de touros teve de ser construída integrada no conjunto que englobava a igreja matriz e o cemitério. As festas têm, sem dúvida, cada vez mais um carácter decisivo na construção e na morfologia do espaço urbano.

Outra das conclusões que se pode tirar deste estudo advém do facto de muitas vezes certas intervenções no espaço envolvente a um lugar de festa poderem ter uma influência positiva ou por outro lado desastrosa nessa mesma festa, na medida em que podem arruinar uma determinada celebração como se pôde observar no caso da Aldeia da Luz em que se juntaram duas celebrações incompatíveis que resultaram na abstenção dos habitantes em relação à festa.

Pôde-se constatar que a preservação das festas bem como todas as atividades de carácter tradicional são uma mais-valia, quando tratamos aspetos associados à coesão social e combate à desertificação e que estas podem realmente constituir um vínculo entre as gerações mais novas e os espaços em que vivem, reduzindo deste modo a vontade de abandonar a região em que habitam.

O estudo relativo aos espaços urbanos de festa e à definição de categorias próprias de festas e de espaços urbanos de festa (do autor) revelou-se extremamente útil para o estabelecimento de critérios na elaboração de uma proposta de requalificação para o Largo da Achada. O estabelecimento de critérios não só ajudou na determinação de uma escala de intervenção (relação entre as proporções do largo com os elementos construídos na sua envolvente e com a sua capacidade de carga), como também ajudou

a perceber alguns dos pontos mais importantes para a definição estratégica de um programa que responda às necessidades dos utilizadores durante as festividades e durante o quotidiano. Esta análise justifica sobretudo a necessidade requalificar estes espaços em função das atividades que lá são desenvolvidas.

Para se intervir em **espaços consolidados de festa**, de modo a que estes correspondam às necessidades e exigências dos utilizadores no quotidiano, é necessário definir estratégias para que estas intervenções não entrem em conflito nas ocasiões das festas. Portanto, não se devem realizar alterações que provoquem conflitos e que se revelem obstáculos no local e que possam comprometer o desenvolvimento de determinados rituais existentes. Estes espaços podem muitas vezes surgir na forma de imensos vazios e nesses casos devem-se criar espaços de estadia e alguns percursos, bem como implementar atividades que chamem as pessoas ao local no dia-a-dia. É importante que os materiais sejam bem adaptados às imposições severas que são inerentes às atividades festivas e que ao mesmo tempo não discordem do contexto onde se inserem.

Foi possível entender com o desenvolvimento do trabalho que por vezes existem pequenos espaços dentro de uma tipologia de espaços urbanos de festa que podem por ventura sobrepor-se a outras tipologias. Como exemplo do referido, o caso da praça da escola na Aldeia da Luz onde se realizam as vacadas ou o caso das latadas em Gaula.

O estudo dos Espaços Urbanos de Festa é extremamente frutífero quando se trata de intervir neste tipo de espaço, pois é possível deste modo solucionar problemas e prever obstáculos que surgem nestes lugares quando não são pensados como tal. Como exemplos disso, pode-se evidenciar o que por vezes acontece nos arraiais nos dias que correm, quando o espaço não está devidamente preparado para integrar as instalações que são necessárias para a festa, ocorrem situações em que os comerciantes acabam por retirar energia elétrica de outros estabelecimentos e barraquinhas sem existir condições para tal, resultando por vezes autênticos apagões que podem por em causa a segurança dos todos os participantes. Outro problema vulgar nestas celebrações, é a falta de condições e de higiene nas barraquinhas que fornecem produtos alimentares. Através do estudo realizado e da proposta de intervenção resultante, são apresentadas algumas soluções e estratégias para melhorar estes espaços, tornando-os mais funcionais e preservando o seu sentido estético ao mesmo tempo.

Sumariamente, os objetivos definidos para a elaboração deste estudo foram alcançados, realçando-se sempre a verdadeira assunção da preponderância dos valores naturais, sociais e culturais do espaço. Consolidaram-se conhecimentos e noções de extrema relevância para a formação em Arquitetura Paisagista, isto é o reconhecimento da importância da análise, da pesquisa e integração dos vários conhecimentos e matérias que permitem uma rigorosa fundamentação a nível projetual.

O estudo relativamente às festas foi bastante relevante, não se podendo, no entanto, descorar a importância que a análise biofísica, a análise do espaço urbano e a caracterização do espaço cultural tiveram na elaboração da proposta de intervenção para o Largo da Achada.

Estes elementos permitiram ter em conta outros aspetos como as características físicas do espaço onde se insere o Largo, o estabelecimento de alguns critérios na definição do programa e a definição da localização da vegetação proposta bem como dos elementos vegetais a integrar no Largo, a determinação dos pavimentos e algumas das linhas gerais do projeto.

Todos estes aspetos ajudaram na tomada de decisões projetuais e visam o incremento das qualidades deste espaço sejam elas ao nível ambiental ou cultural sendo mais específico, em relação à valorização e dinamização de espécies endémicas e de produtos tradicionais como as obras de vimes ou as indumentárias folclóricas tão características deste lugar.

Não foi necessário uma análise muito aprofundada ao Largo da Achada para se entender que este espaço se encontra extremamente compartimentado, o que dificulta de certo modo a prática das atividades festivas. De modo a resolver este problema é proposto um novo desenho do Largo em que temos áreas mais amplas e mais abertas de maneira a ser possível a integração das “barraquinhas” de comes e bebes com a localização do palco onde se realizam os espetáculos.

Portanto é possível concluir que a Requalificação do Largo da Achada deve ser considerada um investimento dinamizador da economia da região onde o largo se insere, reforçando a identidade dos seus habitantes e reafirmando-se como ponto estratégico para o incremento da coesão social entre a Camacha e as restantes freguesias envolventes.

BIBLIOGRAFIA

- Abel, M. (2006). *As Marchas Populares – Pesquisa sobre as Origens*. Lisboa: Sete caminhos.
- Almeida, A; Mendes, C; Coelho C; Lemos. E; Azóia, F; Murta. J; Barbosa, P. (1998). *O Património Local e Regional – Subsídios para um trabalho transdisciplinar*. Lisboa: Editorial do Ministro da Educação.
- Barros, J. e Costa, S., M. (Eds.) (2003). *Festas e tradições portuguesas* (Vols Setembro/Outubro). Mem-Martins: Círculo de Leitores.
- Benevolo, L. (2005). *História da Cidade*. S. Paulo: Perspectiva.
- Bergmann, B; Kondoleon, C. (1999). *The Art of the Ancient Spectacle*. New Haven: Yale University Press.
- Bonnemaison, S., Christine, M. (2008). *Festival Architecture*. Abingdon: Routledge.
- Carcajeiro, H. (2011). O espaço urbano de festa. Em Universidade Lusíada (Ed.), *A Cidade- Sebentas de Arquitectura n°6* (pp. 39-52). Lisboa: A Triunfadora- Artes Gráficas.
- Caro, C. M; Rivas, J. L. (1990). *Arquitectura urbana: elementos de teoria y diseño*. Madrid: Libreria Editorial Bellisco.
- Costa, M; Batista, D. *A integração dos assentamentos rurais tradicionais nas regiões urbanas: O exemplo do Algarve Central no Sul de Portugal*. Repositório Institucional da Universidade do Algarve. [Em linha]. (2011). pp. 1-19. [Consult. 16 Maio 2013]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/1230>.
- Castro, A. M. A; Brazão, M. E. F. (s.d.). *Santa Cruz – Voos de asa... na ilha*. Funchal: Grafimadeira, S.A.
- Coelho, A. (1993). *Festas, Costumes e outros materiais para uma Etnologia de Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.

- Duarte, A. *O “Património” Enquanto Ferramenta de Desenvolvimento: O Caso de Dois Municípios Portugueses*. Repositório aberto U. Porto. [Em linha]. (2011). pp. 285-299. [Consult. 26 Abr. 2013]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10216/63171>.
- Gehl, J. (2001). *Life Between Buildings – Using Public Space*. Dinamarca: Danish Architectural Press.
- Gibson, C; Connell, J. (2011). *Festival Places: Revitalising Rural Australia*. Bristol, Buffalo e Toronto: Channel View Publications.
- Lamas, J. M. R. G. (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Leal, J. (1991). Ritual e estrutura social numa freguesia açoriana. As festas do espírito santo em Santo Antão (São Jorge). Em Brian Juan O’Neill e Joaquim Pais de Brito (orgs.). *Lugares de aqui- actas do seminário “Terrenos Portugueses”* (pp. 27-47). Lisboa: Dom Quixote.
- Leal, J. (1994). *As Festas do Espírito Santo nos Açores – Um estudo de Antropologia Social*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Leal, J. (1989). As Romarias Quaresmais de São Miguel (Açores). In *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira* (pp.409-436). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Centro de Estudos de Etnologia.
- Lopes, C. (2006). A Festa como Manifestação Privilegiada da Ludicidade Humana. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, 4 (7), 1-11.
- Moutinho, M. (1980). *Introdução à Etnologia*. Lisboa: Imprensa Universitária Editorial Estampa.
- Mendonça, M. (1960). *Isto é Madeira*. Funchal: Eco do Funchal.
- Noé, P. (2012). *Os Impérios do Espírito Santo na Ilha Terceira*. IHRU, IP.

- Oliveira, E. V. (1987). *As Festas – Passeio pelo Calendário*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ozouf, M. (1988). *Festivals and the French Revolution*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Parafita, A. (2012). *Antropologia da Comunicação*. Lisboa: Multitipo – Artes Gráficas.
- Pedras, H. (2006). *Origens – Revista Cultural* (Vol. Nº18). Santa Cruz: Casa da Cultura de Stª Cruz.
- Pereira, E. C. N. (1939). *Ilhas de Zarco*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- Pio, M. F. (1967). *Santa Cruz da Ilha da Madeira*. Câmara de Lobos: O Liberal – Empresa de Artes Gráficas.
- Ramos, A. M; Choay, F; Corboz, A; Dematteis, G; Fishman, R; Gandelsonas, M; Hall, P; Harvey, D; Indovina, F; Koolhaas, R; Marcuse, P; Pavia, R; Portas, N; Sassen, S; Secchi, B; Sennett, R; Soja, E. W; Solà-Morales, I; Solà-Morales, M; Spivak, G. C; Webber, M. M. (2004). *La Ciudad Difusa*. In *Lo Urbano en 20 Autores Contemporáneos*. Barcelona: UPC.
- Ramos, F. M. (2004). *Etnografia Geral Portuguesa*. Lisboa: Guide, Artes Gráficas.
- Sarmento, A. A. (1953). *Freguesias da Madeira*. Funchal: Tipografia Esperança.
- Saraiva, C. (2005) *Luz e água: etnografia de um processo de mudança*, Beja, EDIA.
- Saraiva, C. (2007). Um museu debaixo de água: o caso da luz. *Etnográfica*, 11 (2), 441-470.
- Saraiva, C. (2007). Mudança e Água no Sul de Portugal: A Barragem de Alqueva e a Aldeia da Luz. *Ruris*, 1 (1), 65-104.
- Saraiva, C., Salesse, E. e Duran, J-Y. (2004) *Vila Verde: Uma Etnografia no Presente*. Vila Verde: Câmara Municipal de Vila Verde.
- Silva, C. G. (2006). *História das Festas*. Torres Vedras: Edições Colibri

Silva, F. A; Meneses, C. A. (1965). *Elucidário Madeirense, vol. I*. Funchal: Tipografia Esperança

Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais. (2011). *Programa de Desenvolvimento Rural da Região Autónoma da Madeira 2007-2013*.

Trindade, M. B. R. (1991). *Espaços de Festa: Permanência e Inovação*. Lisboa: Edição bilingue.

Referências Eletrónicas

juntospelopovo [Em linha].Portugal: juntospelopovo.com, 2011. [Consult. 2011-11-01]. Disponível na www:<URL: <http://juntospelopovo.com/?tag=gaula>>

monumentos [Em linha]. Portugal: monumentos.pt, 2012. [Consult. 2012-04-16].

Disponível em

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2

monumentos [Em linha]. Portugal: monumentos.pt, 2013. [Consult. 2013-03-15].

Disponível em

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPARoute.aspx?id=2097b07d-4235-4031-8c9c-19f7d4e0ca45

Anexos

Outros Trabalhos Desenvolvidos

A01 – Relatório sobre o aproveitamento de fundos comunitários PRODERAM para a Requalificação do Largo da Achada.

A02 - Elementos Referentes aos Cálculos de Drenagem e Rega do Largo da Achada